

# moderno

## OLHAR



# moderno

# OLHAR

**Curadoria:** Edson Alexandre e Thais Alexandre

**Abertura: 01 de fevereiro de 2024 às 18h – 21h**

Encerramento: 03 de março de 2024

Segunda a sábado: 10h às 19h

Domingo: 14h às 20h

**TNT Arte Galeria**

Estrada da Gávea, 899 loja 243 – Fashion Mall

Rio de Janeiro – RJ

Tel. 55.21.99398-0022 | 55.21.2495-6142

[contato@tntarte.com.br](mailto:contato@tntarte.com.br)

[www.tntarte.com.br](http://www.tntarte.com.br)



# Apresentação

## *Seleção Acervo 3ª ed.*

É com grande entusiasmo que anunciamos a abertura, em 01 de fevereiro de 2024, da exposição "Moderno Olhar" na Galeria TNT Arte, localizada em São Conrado. Este evento representa um desdobramento da bem-sucedida exposição realizada em novembro passado em Belo Horizonte, fruto da parceria nossa galeria carioca e a Errol Flynn Galeria de Arte que foi aclamada tanto pela crítica quanto pelo público.

Sob a curadoria de Edson Alexandre e Thais Alexandre, a exposição foi expandida, incorporando novas obras e desenvolvendo novos núcleos expositivos.

Este projeto faz parte do programa Seleção Acervo, no qual a Galeria TNT apresenta recortes significativo de seu vasto acervo sob diferentes perspectivas curatoriais. Nesta terceira edição, destacamos a inédita apresentação da obra "Moderno Olhar", uma importante pintura de Vicente de Rego Monteiro, entre outras obras reunidas.

A diversidade é uma marca da exposição, que inclui um núcleo dedicado à arte popular brasileira, explorando temas que estiveram em evidência no circuito artístico ao longo do último ano. Entre os artistas destacados, encontram-se Chico da Silva, Rosina Becker do Vale, José Antonio da Silva, e Grauben do Monte Lima, importantes nomes da arte popular e do Naïf brasileiro. Representado por artistas que exploram uma estética ingênua e autêntica, muitas vezes inspirada na vida rural e nas tradições culturais do Brasil, o Naïf tem ganhado notoriedade no cenário contemporâneo, com diversas exposições nacionais e internacionais dedicadas a esses artistas.

Explorando a representação do século XIX, artistas como Castagneto e Nicolau Facchinetti, figuras relevantes na representação da paisagem brasileira, compartilham espaço com Timoeto da Costa, um dos primeiros artistas negros a ingressarem na Escola Nacional de Belas Artes no início do século XX, marcando uma conquista social significativa.

Ao discutir ainda a presença do artista negro no cenário artístico contemporâneo, destacamos José Adário, com suas ferramentas ligadas as religião afrodescentente. um artista reconhecido internacionalmente por suas obras em ferro dedicadas à tradição do candomblé.

Outro núcleo da mostra é dedicado a Minas Gerais, uma homenagem remonta à primeira montagem da exposição, que prestou tributo a Yara Tupinambá. Juntam-se a ela renomados artistas como Amilcar de Castro, Diego Rodrigues e Roberto Vieira.

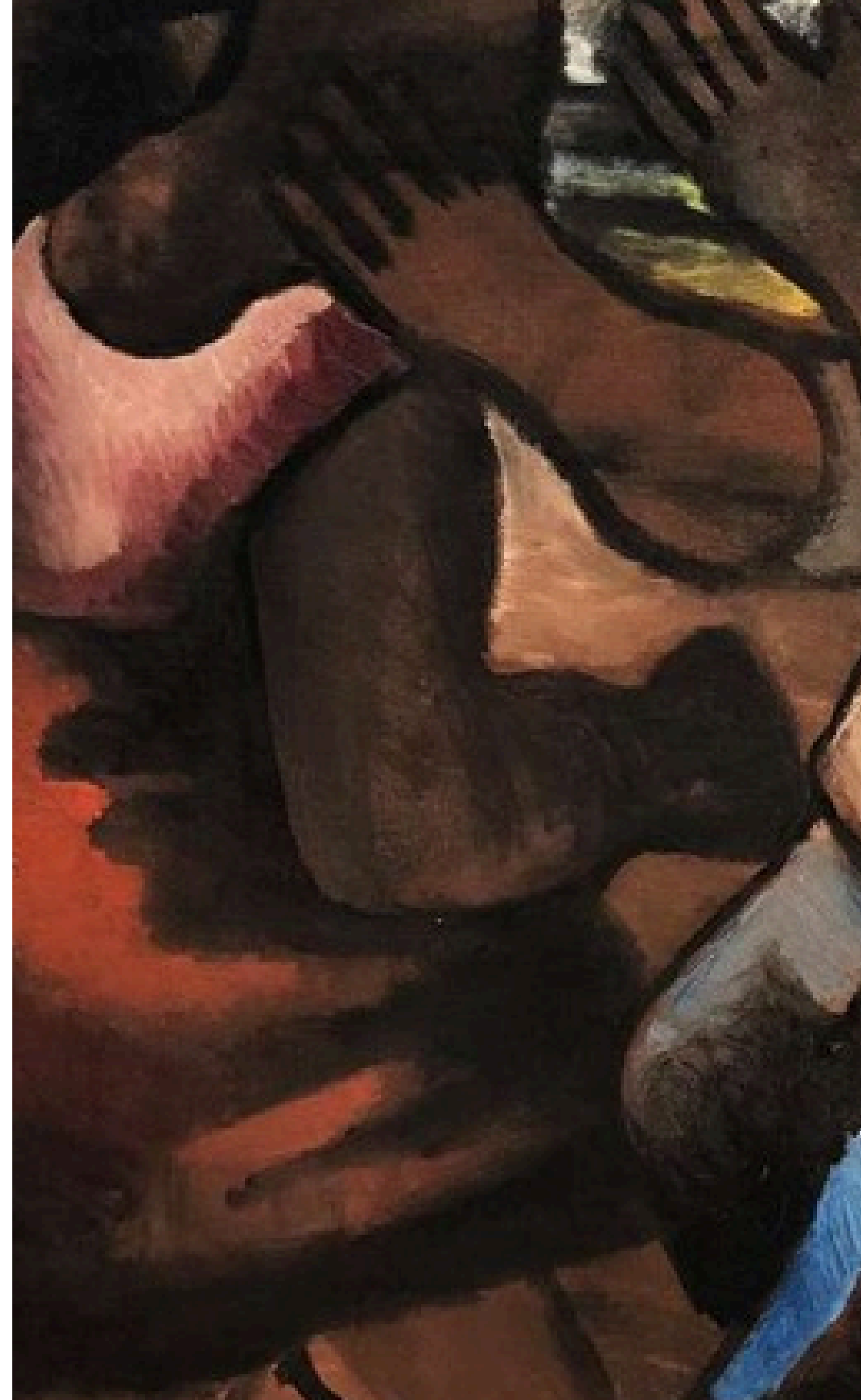
Ao trazer artistas mulheres de distintos períodos, podemos observar a evolução da participação feminina na arte brasileira. A temática da mulher é abordada com sensibilidade, destacando não apenas o corpo feminino nas obras da contemporânea Pietrina Checcaci, mas também o aspecto pioneiro de artistas como Georgina de Albuquerque. As já citadas Rosina e Yara também desempenham papéis importantes nesse contexto, contribuindo para uma narrativa abrangente que destaca a progressiva presença e influência das mulheres na cena artística brasileira ao longo dos séculos.

Um núcleo dedicado à abstração comemora a relevância da Bienal de São Paulo de 1951 como um marco no batismo das tendências abstratas no Brasil, com destaque para mestres como Antônio Bandeira, Manabu Mabe, e Glauco Rodrigues. Faz-se presente neste contexto a imersão na riqueza da linguagem abstrata a partir da teoria de uma "vocação construtivista" na América Latina como resposta   entropia tropical e na expressão do abstracionismo informal, marcado por gestos, manchas e cores flutuantes na tela.

Por fim, contamos com a presença de artistas ultracontempor nea, nascidos após 1974, refletindo as tendências mais recentes e inovadoras no cenário artístico. As cria es de Felipe Barbosa, Tulio Dek e Diego Rodrigues. Este núcleo da exposi o proporciona aos espectadores a oportunidade de explorar as fronteiras da contemporaneidade, mergulhando em obras que refletem as complexidades e a diversidade das experiências artísticas no contexto atual.

"Não tivemos a pretensão de produzir uma mostra de cunho histórico, mas quisemos, com o arcevo disponível, configurar o conjunto de forma que pudéssemos olhar para diversos vi es que estão presentes: incluindo a história da arte brasileira e seus desdobramentos, reflexões sociais que abrangem diversos sentidos como o negro, a mulher, a arte popular e até mesmo o lugar que determinados artistas devem ocupar em seus momentos de carreira. Na verdade, podemos de uma única vez, a depender do repertório de cada um, levar para muitos sentidos. Outro ponto que consideramos foi o encontro de artistas em fases diferentes de vida, o que para nós   um combustível, pois encontramos reflexões parecidas em tempos diferentes; encontramos sentidos completamente distintos; também técnicas novas, complementares e até mesmo as tradicionais.   o que vemos nas esculturas do Diego Rodrigues, por exemplo, que faz todo o seu processo de esculpir de forma tradicional, mas inova no material: substitui o bronze e d  espaço a um p  de mármore moderno que deixa a peça mais leve e mais viável para produ o." comenta Thais Alexandre curadora da mostra.

Esperamos que todos os visitantes desfrutem desta jornada pela diversidade da arte brasileira, refletindo sobre sua evolu o ao longo do tempo e suas diversas influências.



# Moderno Olhar

Marina Duarte e Thais Alexandre

Nesta terceira edição do projeto Seleção Acervo, não tivemos a intenção de criar uma exposição estritamente histórica; nosso objetivo foi, utilizando o extenso acervo da galeria, configurar um conjunto que permitisse explorar diversas perspectivas da modernidade. Desejávamos abordar não apenas a história da arte brasileira e seus desdobramentos, mas também as reflexões sociais que permeiam temas que seguem em voga. Ao propor diálogos entre artistas em diferentes momentos de suas carreiras e contextos históricos, deparamo-nos com reflexões semelhantes em épocas diferentes, descobrimos sentidos distintos e exploramos a utilização de técnicas tradicionais e inovadoras.

De acordo com a abordagem da modernidade proposta no texto crítico de Olívio Tavares de Araújo, a ideia não era restringir as obras apresentadas ao movimento modernista, com sua data simbólica de fevereiro de 1922 na Semana de Arte Moderna em São Paulo; o conceito de modernidade adotado aqui busca capturar a progressão prolongada da produção artística que vai além desses eventos pontuais e chega à contemporaneidade.

## *Núcleo I: Naïf e a arte popular brasileira*

O primeiro núcleo destaca a arte popular brasileira, com artistas como Chico da Silva, Rosina Becker do Vale, José Antonio da Silva, Antônio Poteiro, Grauben do Monte Lima e José Adário. Este segmento representa a estética ingênua e autêntica do movimento Naïf, que, inspirado na vida rural e nas tradições culturais do Brasil, ganha notoriedade no cenário contemporâneo, com artistas sendo reconhecidos em exposições nacionais e internacionais.

#### *Núcleo II: Representações do Século XIX*

Explorando a produção do século XIX, artistas como Castagneto e Nicolau Facchinetti, figuras relevantes na representação da paisagem brasileira, compartilham espaço com Timóteo da Costa e Estevão da Silva, os primeiros artistas negros a ingressarem na Escola Nacional de Belas Artes no início do século XX, marcando uma conquista social significativa.

#### *Núcleo III: Minas Gerais – Uma Homenagem à Tradição Artística*

Outro núcleo da mostra é dedicado a Minas Gerais, uma homenagem que remonta à primeira montagem da exposição, que prestou tributo a Yara Tupinambá. Juntam-se a ela renomados artistas como Amilcar de Castro, Diego Rodrigues e Roberto Vieira.

#### *Núcleo IV: Participação Feminina na Arte Brasileira*

Ao trazer artistas mulheres de distintos períodos, podemos observar a evolução da participação feminina na arte brasileira. A temática da mulher é abordada com sensibilidade, destacando não apenas o corpo feminino nas obras da contemporânea Pietrina Checcaci, mas também o aspecto pioneiro de artistas como Georgina de Albuquerque. As já citadas Rosina e Yara também desempenham papéis importantes nesse contexto, contribuindo para uma narrativa abrangente que destaca a progressiva presença e influência das mulheres na cena artística brasileira ao longo dos séculos.

#### *Núcleo V: Abstração*

Um núcleo dedicado à abstração comemora a relevância da Bienal de São Paulo de 1951 como um marco no batismo das tendências abstratas no Brasil, com destaque para mestres como Manabu Mabe e Glauco Rodrigues. Faz-se presente neste contexto a imersão na riqueza da linguagem abstrata a partir da teoria de uma "vocação construtivista" na América Latina como resposta   entropia tropical e na expressão do abstracionismo informal, marcado por gestos, manchas e cores flutuantes na tela.

#### *Núcleo VI: Arte Ultracontempor nea – Fronteiras da Expressão Atual*

Por fim, um núcleo dedicado   arte ultracontempor nea destaca obras de artistas nascidos após 1974, refletindo as tendências mais recentes e inovadoras no cenário artístico. Aqui, as cria es de Felipe Barbosa, Tulio Dek, e Diego Rodrigues, proporcionam aos espectadores a oportunidade de explorar as discussões da contemporaneidade, mergulhando em obras que refletem as especificidades das experiências artísticas no contexto atual.

A diversidade de estilos e narrativas apresentadas reflete não apenas a complexidade do contexto artístico brasileiro, mas também a incessante evolu o e renova o que moldam a cena cultural do país. Nossa Modernidade   um convite   contempla o,   reflexão e   aprecia o da riqueza da arte brasileira ao longo do tempo. Agradecemos a todos por se juntarem a nós nesta jornada fascinante.

Edson e Thais Alexandre,  
Curadores







**FACCHINETTI, Nicola Antonio (1824-1900)**

Alto da Tijuca, 1879

Óleo s/ tela

Fazenda de M.U. Lemgruber

32 x 79 cm

Nicola Antonio Facchinetti, pintor italiano que se estabeleceu no Brasil em 1849, deixou uma marca indelével na representação artística das paisagens brasileiras. Reconhecido por sua abordagem realista, Facchinetti imprimiu uma precisão meticulosa em suas obras, aprofundando-se no estudo dos locais que retratava. Seu foco principal recaiu sobre o Rio de Janeiro, onde criou panoramas impressionantes que capturavam a essência dos casarios urbanos em contraste com a exuberância natural circundante.

Para além do Rio, Facchinetti estendeu seu olhar artístico para outras regiões, pintando paisagens de Petrópolis, Teresópolis, Vale do Paraíba e algumas áreas de Minas Gerais. Sua ênfase na natureza e topografia regional tornou-se uma característica distintiva, destacando a beleza natural das localidades que escolheu retratar. Ao explorar diferentes momentos do dia, como alvorecer e entardecer, ele habilmente incorporava detalhes de luminosidade, aprimorando ainda mais a expressividade de suas obras. Seu legado artístico perdura como uma valiosa contribuição ao patrimônio artístico brasileiro, enriquecendo a compreensão da história e cultura do país por meio de suas notáveis representações paisagísticas.





**Arthur Timótheo da Costa (1882-1922)**

Paisagem com casario, (Alto Leblon, RJ) 1919

Óleo s/ tela

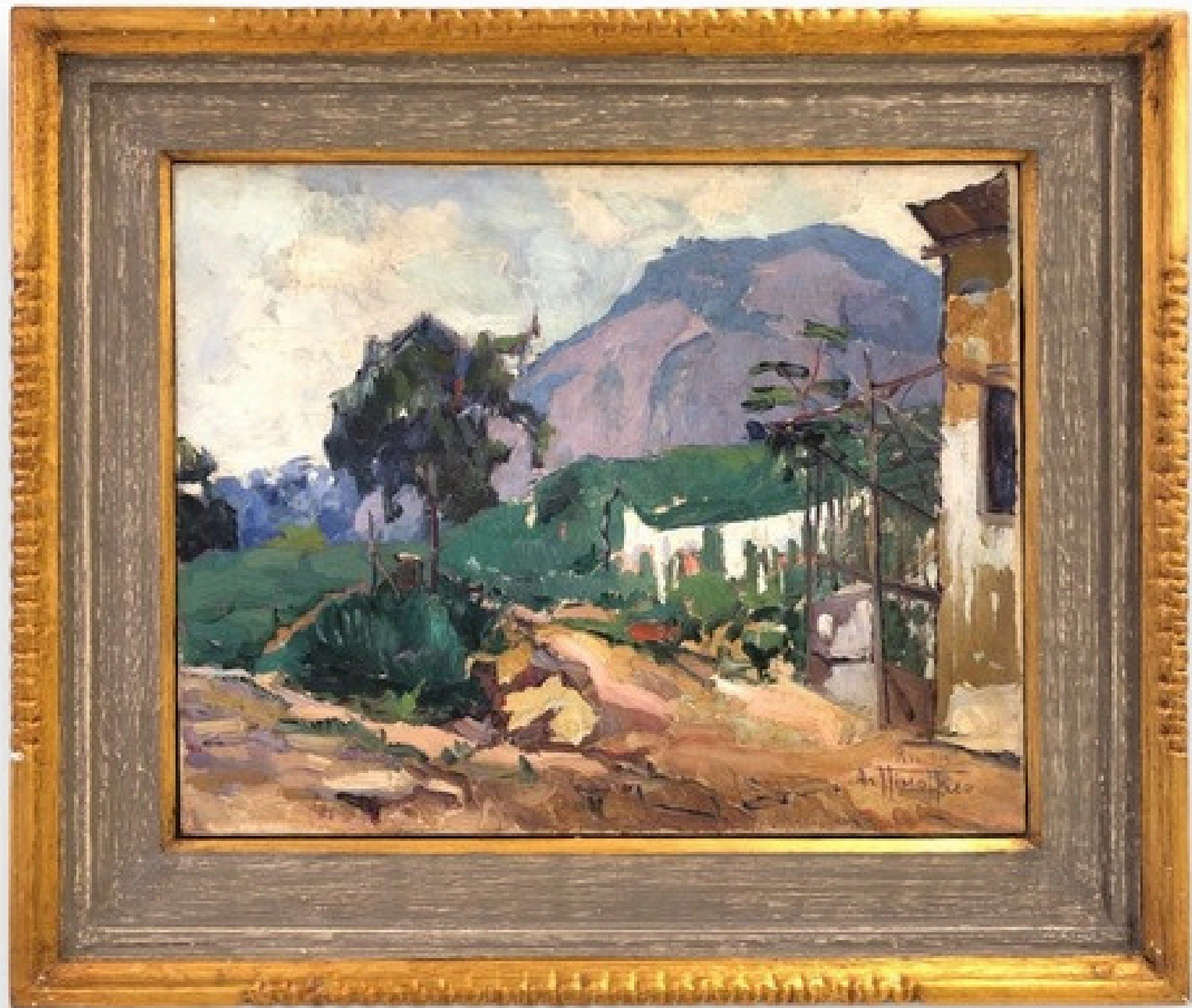
Ass. inf. direito

Localizado Rio de Janeiro

38 x 48 cm

Arthur Timótheo da Costa, nascido em 1882 em uma família humilde, emergiu como um destacado pintor brasileiro do início do século XX. Em 1894, com o incentivo do diretor Enes de Souza, Arthur Timótheo da Costa e seu irmão João foram encaminhados para a Escola Nacional de Belas Artes (Enba). Em 1905, Timótheo da Costa fez sua estreia na Exposição Geral de Belas Artes, mas foi em 1907 que obteve reconhecimento ao conquistar o prêmio de viagem ao exterior, mudando-se para Paris no ano seguinte.

Retornou ao Brasil em 1910, profundamente influenciado pela estadia na Europa. Em suas paisagens notam-se elementos impressionistas: a linha deixou de estruturar a pintura, as formas ganharam liberdade do contorno e os volumes foram moldados por pinceladas mais abertas e marcadas conforme vemos em "Paisagem com casario", na qual retratou o Alto Leblon, no Rio de Janeiro.





## Georgina de Albuquerque (1885-1962)

Sem título

Óleo s/ eucatex

Ass. inf. direito

43 x 53 cm

Pioneira feminina, Georgina de Albuquerque destacou-se no cenário artístico brasileiro desafiando as normas de gênero da época e abrindo caminho para futuras gerações de artistas mulheres. Foi pioneira na pintura histórica nacional tal gênero artístico permaneceu restrito ao universo masculino até 1922, a primeira a receber prêmio de viagem em 1931 e foi ainda a primeira mulher a ocupar a diretoria da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, onde estudou e lecionou.

Influenciada por sua estadia na Europa entre 1906 e 1911, Georgina retornou ao Brasil trazendo os ensinamentos adquiridos e incorporando a estética impressionista em sua produção artística. A pesquisa da artista sobre os efeitos da luz solar sobre os corpos humanos resulta na prevalência de cores claras em suas obras, oferecendo uma perspectiva única e cativante da arte brasileira. Essa fusão de técnicas e experiências contribui para a singularidade de sua abordagem artística.









**Guignard, Alberto da Veiga (1896-1962)**

Paisagem de Itatiaia, 1942

Óleo s/ madeira

Ass. inf esquerdo

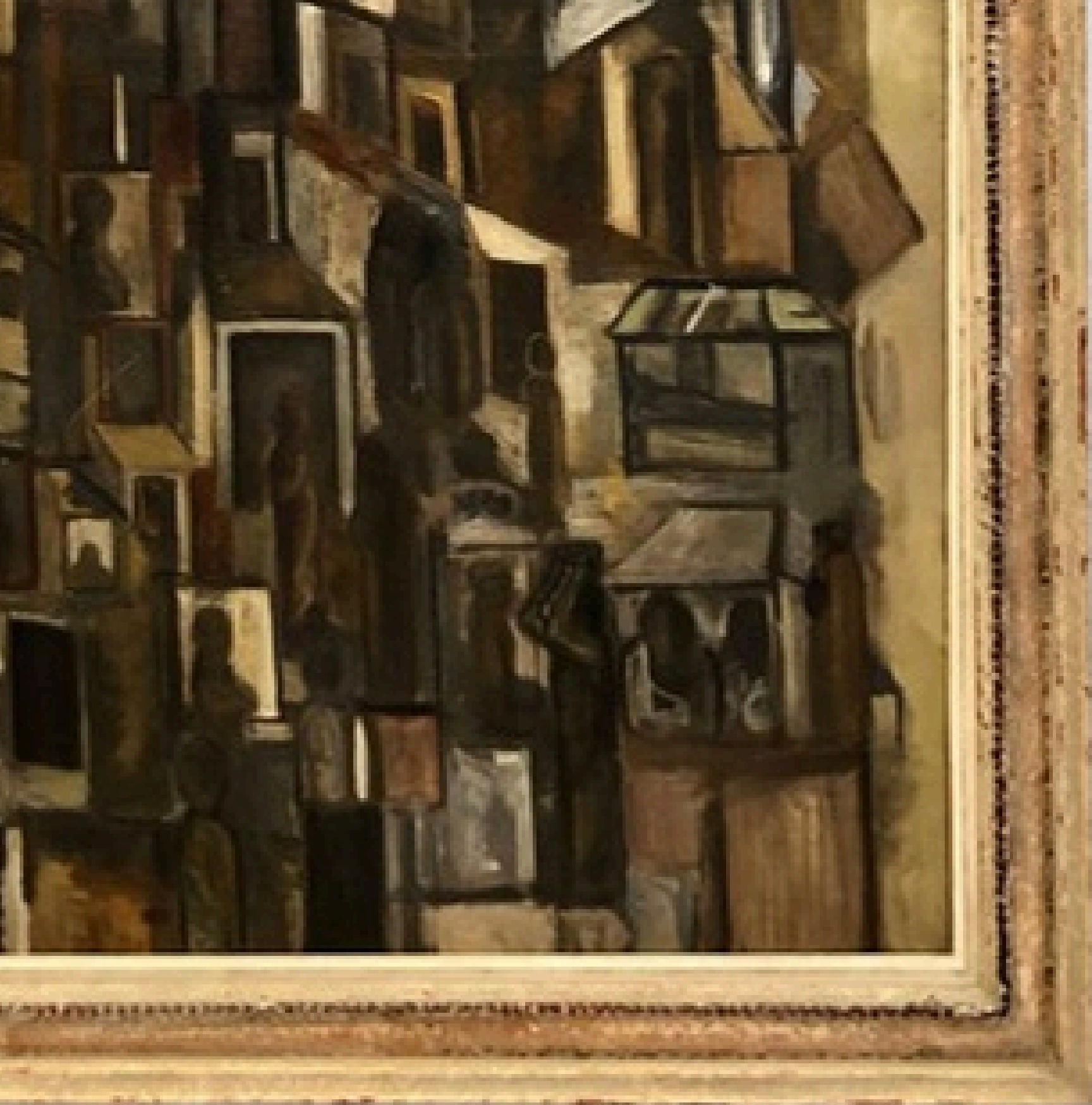
36 x 47 cm

Alberto da Veiga Guignard, renomado pintor brasileiro, deixou uma marca indelével na arte moderna, especialmente em suas paisagens distintas. Seu estilo pessoal, notavelmente marcado por elementos expressionistas e abstratos, fundia realismo e abstração, resultando em paisagens reimaginadas mas reconhecíveis. Guignard explorou uma variedade de temas, desde cenas urbanas até vistas naturais, sempre destacando a beleza das paisagens brasileiras.

A paleta vibrante de cores que caracterizava suas obras contribuía para a atmosfera cativante presente em suas paisagens. Sua abordagem à pintura era guiada pela intuição e expressão pessoal, transcendendo estritas adesões ao realismo em busca de capturar a essência e a sensação das paisagens. Seu legado artístico ressoa como um dos grandes pintores brasileiros do século XX, sendo suas paisagens apreciadas por sua originalidade e contribuição significativa à arte moderna no Brasil.







**Lasar Segall (1891-19857)**

Favela, 1956

Óleo s/ tela Ass. verso.

130 x 89 cm.

Obra com cachê do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde a obra participou da exposição do artista Chamada retrospectiva Lasar Segall, inauguração do Bloco de exposições 29 de outubro a 15 de dezembro de 1967.



Nascido na Lituânia em 1889 e posteriormente estabelecido no Brasil, Segall destacou-se por sua versatilidade artística e sua capacidade de explorar estilos diversos ao longo de sua carreira. Inicialmente influenciado por movimentos impressionistas e pós-impressionistas durante seus estudos na Alemanha, o artista passa por uma fase expressionista a partir de 1914. Este período, marcado pela Primeira Guerra Mundial, reflete uma preocupação mais aguda com o humanismo.

Ao fixar residência em São Paulo em 1923, Segall se torna uma figura proeminente na cena da arte moderna brasileira. Rapidamente, a mudança reflete-se em sua produção a partir da transformação na paleta do pintor e nos temas retratados, especialmente as favelas.

Este quadro em questão revela um diálogo direto com a realidade social do país, destacando o drama dos marginalizados sociais. Enquanto a temática revela um compromisso expressivo com os dramas humanos, refletindo as preocupações sociais do artista, a composição geométrica dialoga com sua fase expressionista. As formas e a disposição estruturada das edificações não só contribuem para a estética visual, mas também enfatizam a complexidade e a ordem subjacentes a um cenário aparentemente caótico.



**Vicente do Rêgo Monteiro (1899 - 1970)**

Mulher com bichos, 1967/1968

Óleo s/ tela

Ass. inf. esquerdo

Obra apresenta cachê de participação da exposição na Galeria Ricardo Camargo em 2 de outubro de 1998.

190 x 130 cm.

A obra "Figura com animais" evidencia a incursão de Vicente do Rego Monteiro na estilização formal e a figuração geometrizada, particularmente associadas ao movimento art déco fusionado com elementos da arte marajoara como a ornamentação, absorvidos durante os estudos no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista.

O uso moderado de uma gama cromática reduzida, típica de Rego Monteiro, contribui para a atmosfera única da obra, enquanto a estilização formal, influenciada pelos preceitos do art déco, confere uma expressão contemporânea à representação. "Figura com animais" é, portanto, um testemunho visual da síntese entre a herança cultural brasileira, as experimentações estilísticas parisienses e a visão singular do artista.

Ao longo de sua carreira multifacetada, Vicente do Rego Monteiro transcende fronteiras entre diferentes formas de expressão artística, e essa obra destaca-se como um exemplo notável de sua capacidade de fundir influências diversas em uma narrativa visual coesa.





- De Royal Montaigne -  
- 1888 -



**VICENTE DO REGO MONTEIRO (1899-1970)**

Retrato de Adelaide de Moraes

Óleo s/ tela

Ass. sup. direito e dat. 1922

Esta obra está reproduzida no livro do artista editado por Jean Boghici

140 x 150 cm



Retrato de Adelaide de Moraes", uma obra rara e significativa de Vicente do Rego Monteiro, é um dos poucos exemplares remanescentes da fase inicial do artista em Paris, datada de 1922, período de intensa experimentação e busca por novos caminhos artísticos.

Nesse retrato, Vicente do Rego Monteiro demonstra sua habilidade em capturar não apenas a fisionomia, mas também a essência de seus retratados. A figura de Adelaide de Moraes, entre as poucas que sobreviveram dessa época, revela a influência marcante de Fujita Tsuguharu - pintor modernista japonês nacionalizado francês -, evidenciando um traço distintivo e uma abordagem estilizada na representação.





**PEDRO CORREIA DE ARAÚJO (1874-1955)**

Bate-papo, Déc. 40

Nanquim s/ papel

Ass. inf. direito

Localizado " Rio "

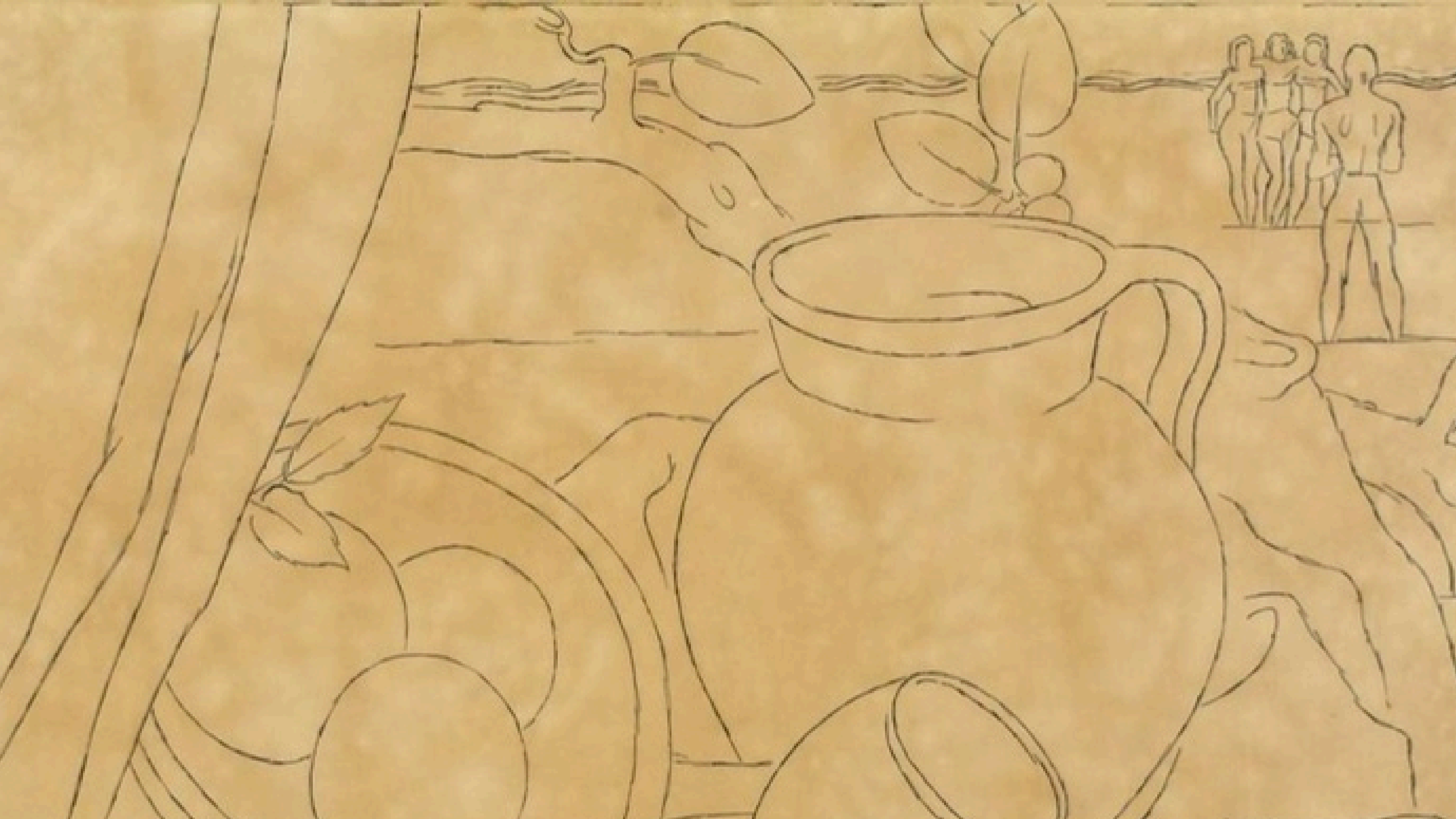
43 x 56 cm

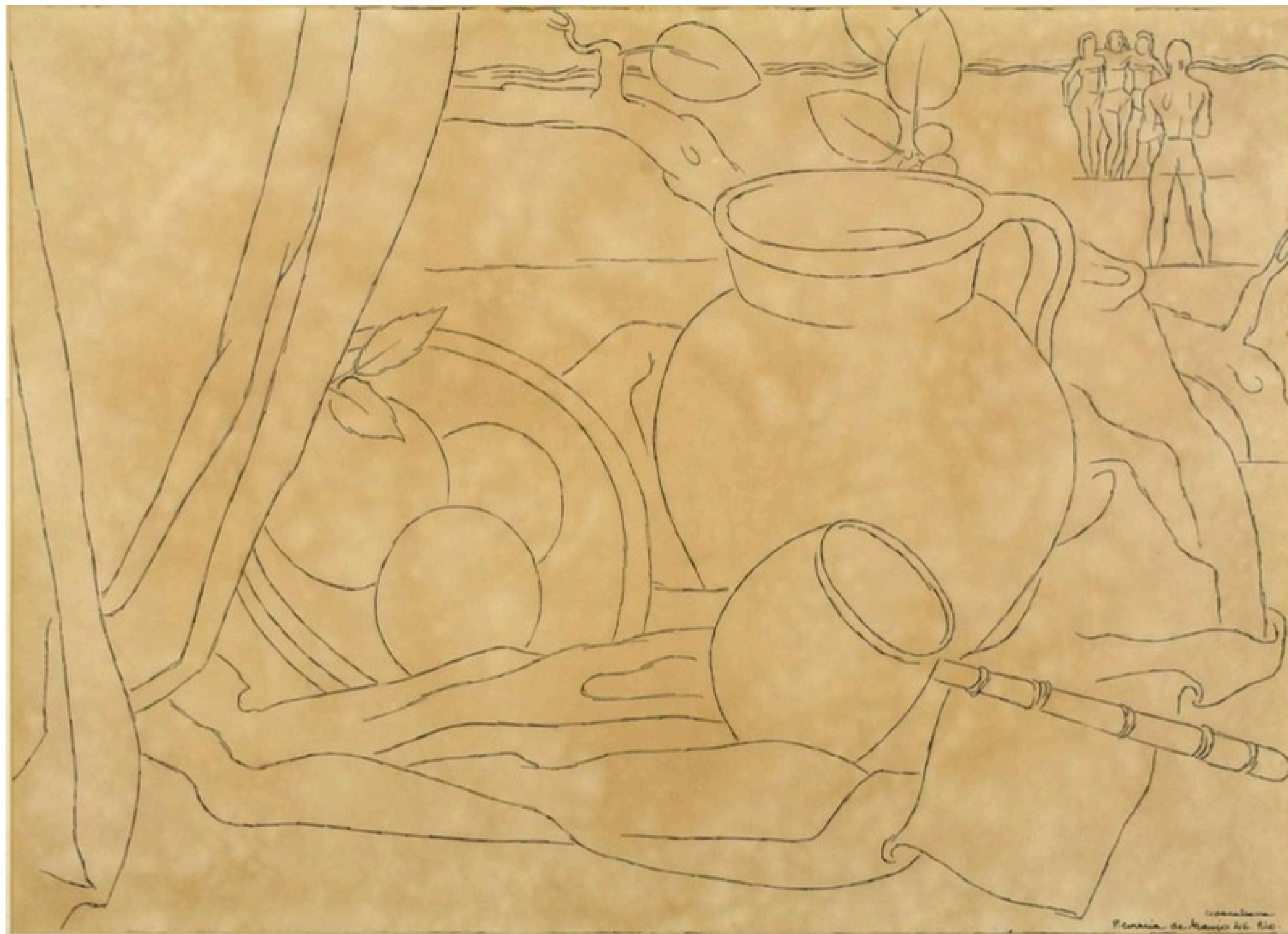


A obra "Bate-papo" reflete a fase brasileira de Araújo após seu retorno ao país em 1929. Radicado no Rio de Janeiro, manteve um ateliê e lecionou pintura. Sua participação em eventos como o Salão Revolucionário de 1931 e o Salão Nacional de Belas Artes de 1947 demonstram seu engajamento no contexto artístico brasileiro.

"Bate-papo" representa um momento íntimo e despretensioso. Na cena, duas pessoas estão sentadas de costas, engajadas em uma conversa descontraída. A simplicidade da composição é aprofundada pela paisagem ao fundo, com uma construção simples.

A análise de sua obra revela uma busca por diálogo entre correntes artísticas internacionais e a expressão de uma identidade nacional.





**PEDRO CORREIA DE ARAÚJO (1874-1955)**

Copacabana, 1946

Nanquim s/ papel

Ass. inf. direito

Localizado, Rio-Copacabana , 1946

40 x 55 cm



A obra "Copacabana" de Pedro Luiz Correia de Araújo é uma composição intrigante onde utensílios de cozinha são dispostos de forma despretensiosa ao lado de um prato de laranjas. O cenário é enriquecido pela presença casual de um grupo de pessoas ao fundo. A simplicidade aparente da cena transcende para uma narrativa rica em sugestões e atmosfera. Araújo, com sua habilidade única, captura a essência do cotidiano, criando uma obra que convida à contemplação.









**DI CAVALCANTI, Emiliano (1897-1976)**

Figuras, 1936

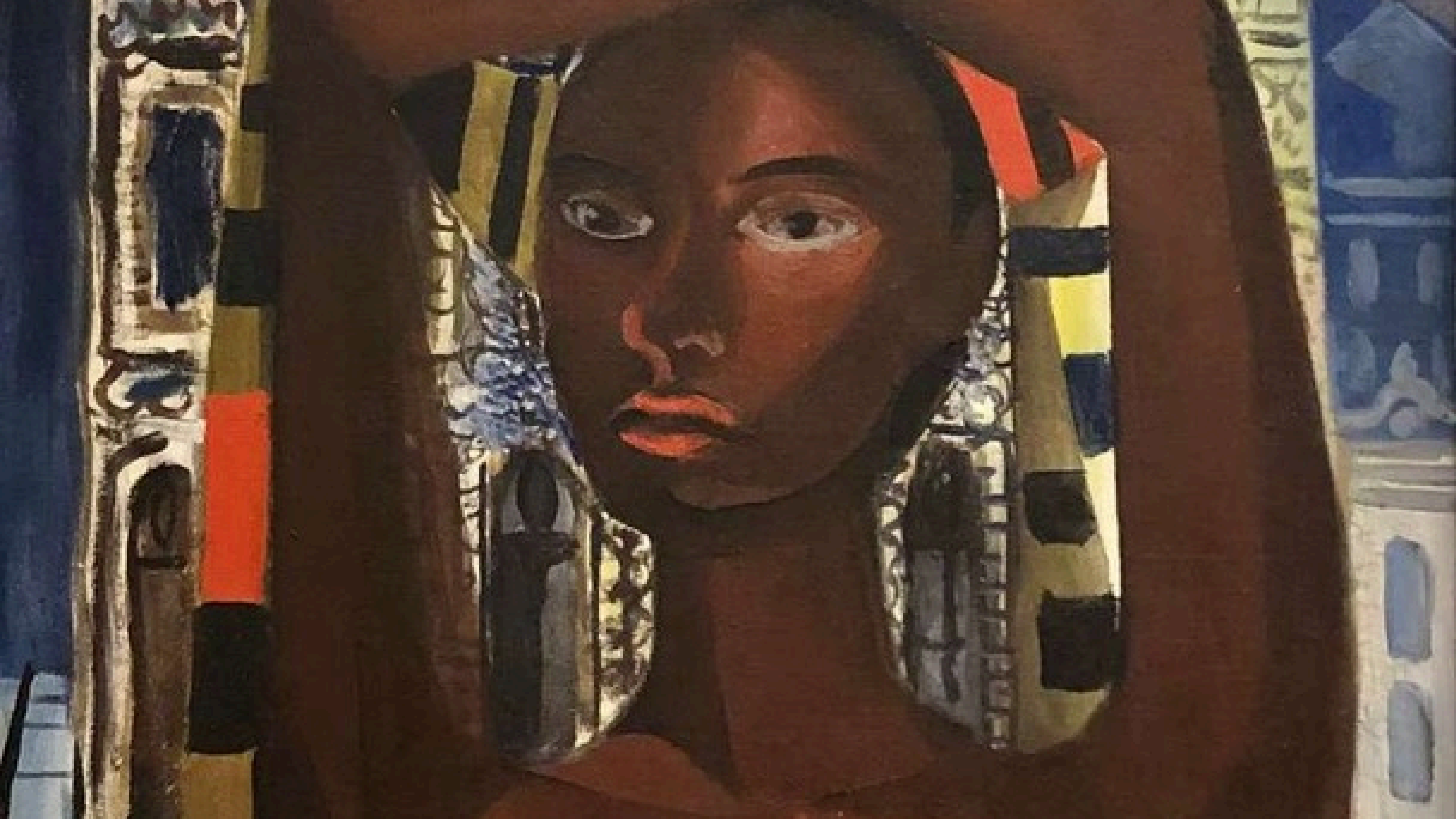
Óleo s/ tela

Ass. inf. direito

65 x 81 cm

Di Cavalcanti, renomado pintor, desenhista e ilustrador brasileiro, desempenhou um papel fundamental no movimento modernista do Brasil, destacando-se como uma figura central na Semana de Arte Moderna de 1922.

Seu estilo distintivo, que incorporava elementos cubistas e expressionistas, refletia-se em suas pinturas, que frequentemente retratavam cenas urbanas, figuras humanas e elementos da cultura brasileira. A profunda relação de Di Cavalcanti com o Brasil transparecia em suas obras, que celebravam a brasilidade ao abordar temas relacionados à cultura, folclore e história do país. Sua carreira multifacetada incluiu contribuições como ilustrador e desenhista para revistas e periódicos, evidenciando sua versatilidade artística. Além disso, seu compromisso político e ativismo social eram evidentes em obras que abordavam questões sociais e políticas, deixando um legado duradouro na cena artística brasileira do século XX.





**Di Cavalcanti (1897- 1976)**

Mulata, 1952

Óleo s/ tela

Ass. inf. direito

64 x 48 cm

As personagens retratadas são uma expressão marcante da obra de Di Cavalcanti, destacando-se pela representação vibrante e exuberante da cultura afro-brasileira. Figura central do modernismo brasileiro, o artista trouxe para suas telas a beleza e a sensualidade das mulheres em ambientes festivos e tropicais. Suas pinturas, muitas vezes permeadas por cores vivas e traços expressivos, capturam a energia e o ritmo contagiante das festas populares, como o Carnaval.

Através da figura representada, Di Cavalcanti explorou não apenas a estética, mas também a identidade cultural do Brasil, ressaltando a diversidade étnica e a riqueza das tradições afrodescendentes. Suas obras, impregnadas de sensualidade e ritmo, tornaram-se ícones da arte brasileira, refletindo o sincretismo cultural e a paixão do artista pela alma pulsante do povo brasileiro.





### **Ismael Nery (1900-1934)**

Figura surrealista, Déc.30

Guache e aquarela s/ papel

Ass. Inf. direito

23 x 16 cm

Ismael Nery foi uma figura proeminente no movimento modernista brasileiro, desempenhando um papel central na década de 1920 ao buscar romper com as tradições acadêmicas e explorar novas formas de expressão artística. Sua obra, caracterizada por um estilo pessoal e inovador, incorporava elementos do cubismo e do surrealismo, resultando em composições abstratas e formas simbólicas que marcaram sua originalidade. Destacando-se como um dos primeiros artistas brasileiros a adotar influências do surrealismo, Nery criou imagens oníricas e abstratas que exploravam o inconsciente e o subconsciente.

As figuras por ele retratadas surgem em ambientes imaginativos, desvinculados de qualquer elemento facilmente identificável. Sua abordagem concentra-se principalmente na representação da figura humana, concebida de maneira ideal e utilizada como elemento central de uma representação simbólica.

Além de sua contribuição visual, Ismael Nery era também poeta e escritor, expandindo sua expressão artística para o campo literário. Contudo, sua produção só tornou-se conhecida pelo grande público 30 anos após sua morte, quando integrou a 8ª Bienal de São Paulo, na Sala Especial de Surrealismo e Arte Fantástica, em 1965. Após isso, suas obras foram expostas também na 10ª Bienal de São Paulo e em retrospectivas em 1966, no Rio de Janeiro, e em 1984, no MAC-USP.





**Ismael Nery (1900-1934)**

Retrato de Adalgisa Nery

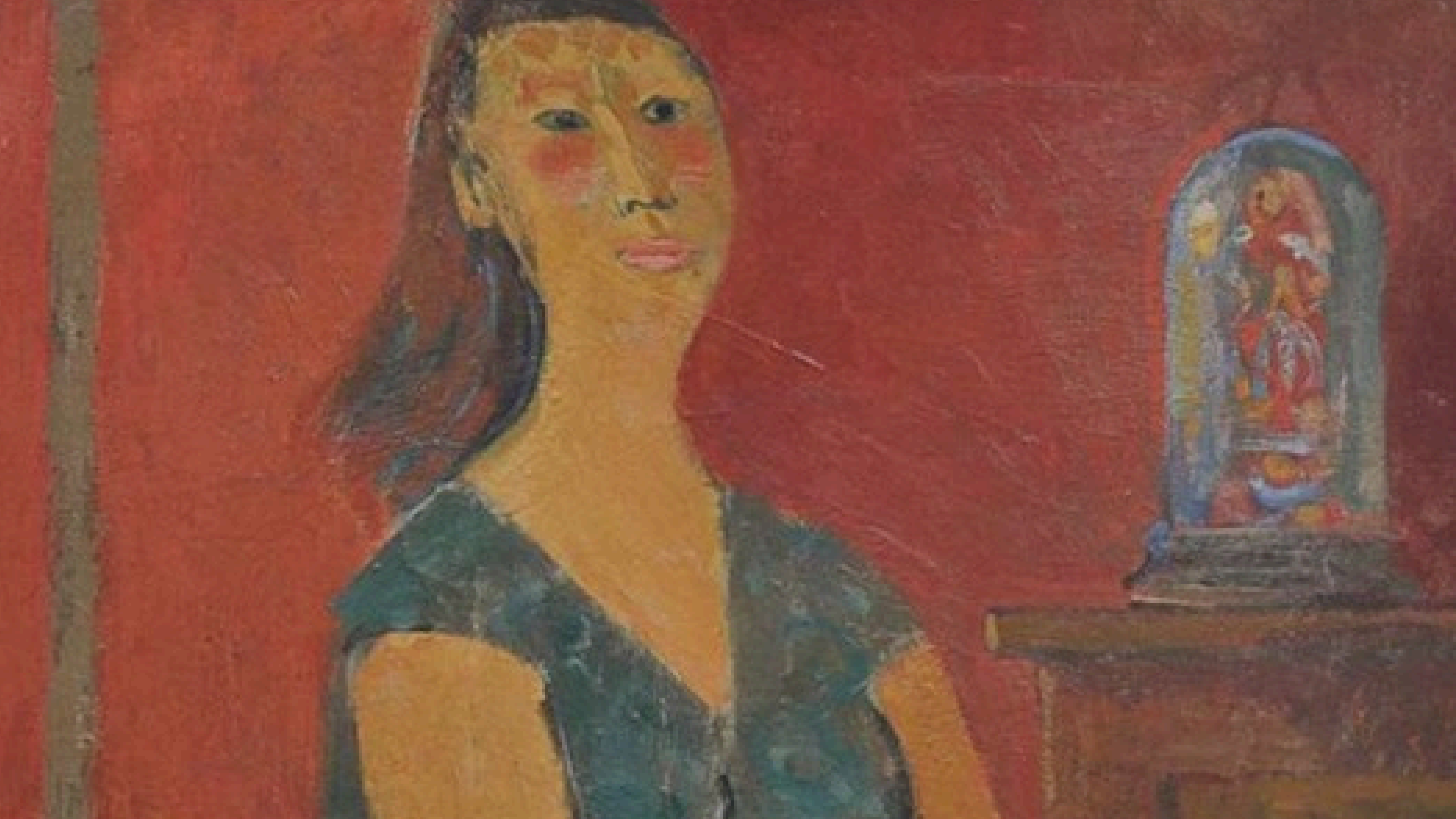
Guache s/ papel - Ass. Inf. direito

Obra reproduzida no catálogo da Bolsa de Arte do RJ

23 x 16 cm

Ismael Nery foi uma figura proeminente no movimento modernista brasileiro, desempenhando um papel central na década de 1920 ao buscar romper com as tradições acadêmicas e explorar novas formas de expressão artística. Sua obra, caracterizada por um estilo pessoal e inovador, incorporava elementos do cubismo e do surrealismo, resultando em composições abstratas e formas simbólicas que marcaram sua originalidade. Destacando-se como um dos primeiros artistas brasileiros a adotar influências do surrealismo, Nery criou imagens oníricas e abstratas que exploravam o inconsciente e o subconsciente.

Além de sua contribuição visual, Ismael Nery era também poeta e escritor, expandindo sua expressão artística para o campo literário. Contudo, sua produção só tornou-se conhecida pelo grande público 30 anos após sua morte, quando integrou a 8ª Bienal de São Paulo, na Sala Especial de Surrealismo e Arte Fantástica, em 1965. Após isso, suas obras foram expostas também na 10ª Bienal de São Paulo e em retrospectivas em 1966, no Rio de Janeiro, e em 1984, no MAC-USP.





**CARYBÉ. Hector (1911-1997)**

Mulher no quarto, Dec 50

Óleo s/ placa

Ass. inf. direito

Cachê Galeria Paulo Darzé

A obra aparece na fotografia que está reproduzida no livro do artista, na ocasião de uma exposição realizada no Teatro Santa Isabel, em Recife. (Livro Carybé, por Bruno Furrer, Pag. 167)

70 x 50 cm

Em "Mulher no Quarto", Carybé captura a essência da vida cotidiana com uma expressividade única. Conhecido por sua habilidade em retratar a cultura e o povo da Bahia, o artista nesta pintura representa a figura feminina em um ambiente doméstico.

Na cena, uma mulher é representada em um quarto, oferecendo um vislumbre intimista de sua vida. A escolha de Carybé em focalizar uma figura feminina e ambientá-la dentro de um espaço privado sugere uma abordagem sensível e contemplativa. A paleta de cores e a técnica aplicada por Carybé são características de seu estilo, incorporando tons vibrantes e pinceladas expressivas.

A década de 1950 foi um período marcado por mudanças sociais, e a pintura de Carybé muitas vezes reflete a dinâmica cultural brasileira da época.





**PORTINARI, Cândido (1903-1962)**

Cangaceiro, 1959

Óleo s/ madeira

Ass. Inf. Direito

27 x 22 cm

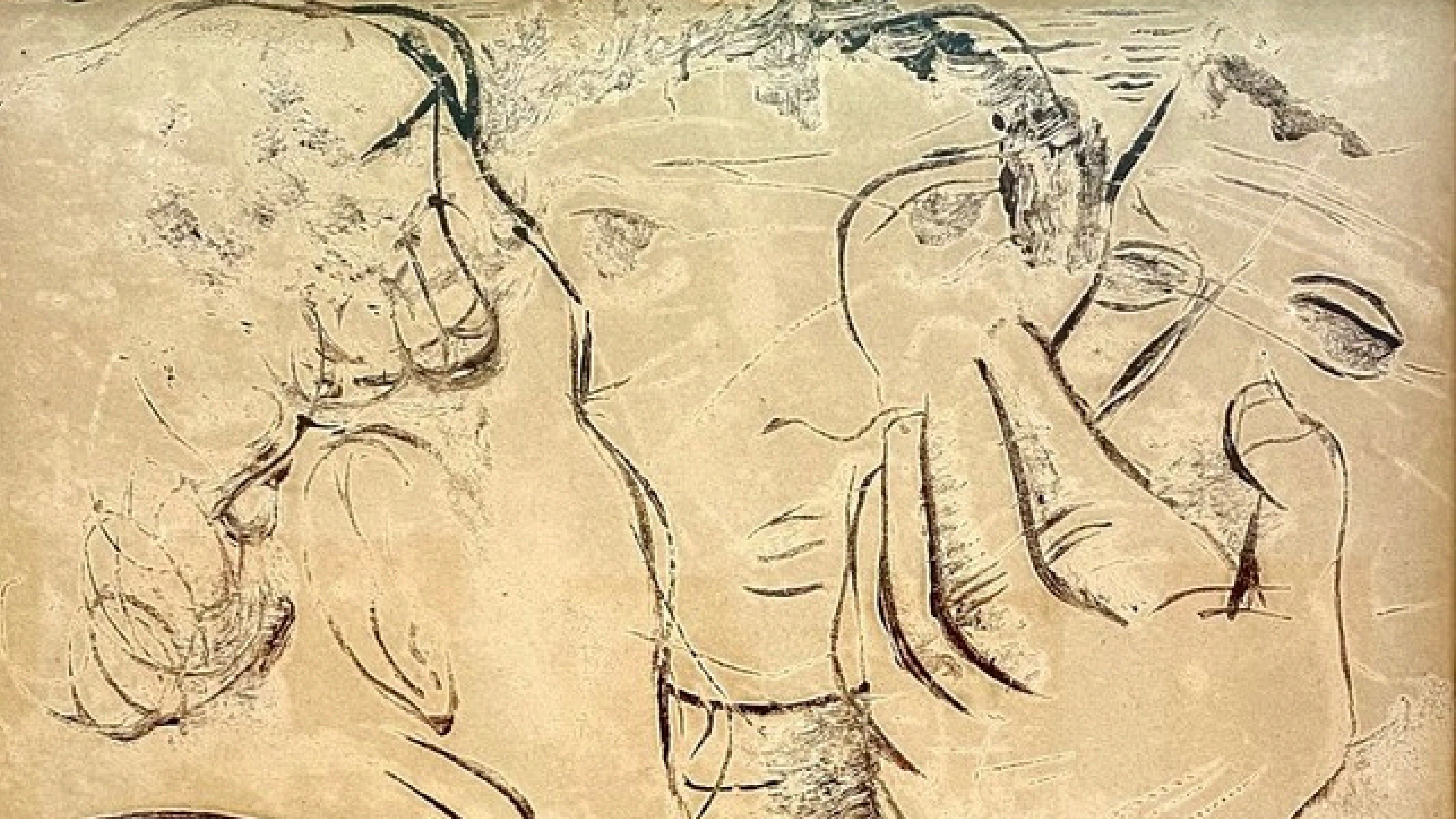
Com dedicatória do artista para seu amigo Callado " Para Callado amigo, com abraço Portinari ".

Obra reproduzida no Livro Raisonné Vol. IV do...



Cândido Portinari desempenhou um papel fundamental na arte brasileira, destacando-se especialmente por uma produção extensa caracterizada pela evolução constante em suas técnicas, mantendo, contudo, o homem brasileiro como temática central, abordando questões sociais e históricas.

Portinari foi um construtor ativo da identidade nacional brasileira, utilizando suas pinturas como meio de retratar e explorar aspectos significativos da cultura e história do país. Além disso, ele abordou temas sociais com um realismo pungente, destacando as desigualdades e os desafios enfrentados pelas camadas mais marginalizadas da sociedade. O reconhecimento conquistado por Portinari desempenhou um papel crucial na promoção da arte brasileira em escala internacional, revelando ao mundo a riqueza e a profundidade da cultura brasileira.





**PORTINARI, Cândido (1903-1962)**

Figuras, 1940

Monotipia s/ papel

Ass. in. direito

43 x 36 cm



A obra "Figuras" oferece uma experiência visual intrigante e sugestiva de uma atmosfera surrealista. A escolha da monotipia, com seus traços fluidos e gestuais, parece contribuir para a representação de múltiplos rostos que se entrelaçam de maneira etérea. O contorno expressivo e sugerido na composição dá espaço à interpretação subjetiva, criando uma sensação de abstração que se alinha à estética surrealista. Portinari, conhecido por suas habilidades em representar a complexidade da condição humana, neste trabalho transcende as fronteiras convencionais, convidando o observador a explorar a profundidade emocional e simbólica de uma obra que desafia a realidade e mergulha no domínio do onírico.



**Maria Leontina (1917-1984)**

Natureza morta

Óleo s/ cartão

Ass. inf. direito

50 x 70 cm

Conhecida por sua atuação nas áreas de pintura e escultura, Maria Leontina explorou diversas técnicas e materiais ao longo de sua carreira, criando uma obra diversificada. Destacou-se especialmente na abstração geométrica, associada à tendência concreta e neoconcreta que emergiu no Brasil nas décadas de 1950 e 1960. Ela desempenhou um papel crucial no desenvolvimento do movimento neoconcreto, expandindo a abstração geométrica e promovendo o diálogo entre arte e arquitetura.

Seu legado perdura como uma contribuição significativa para a arte brasileira, marcado pela diversidade de sua obra e sua influência nos movimentos artísticos do século XX, além da contribuição para o fortalecimento da presença feminina nas artes visuais no país.









### **Cícero Dias (1907-2003)**

Sonhos, Déc.70

Óleo s/ placa

Ass. inf. central

46 x 55 cm

Cícero Dias iniciou sua trajetória artística na década de 1920, quando viajou para a Europa e entrou em contato com o movimento surrealista. Essa influência se refletiu em suas primeiras obras, que exploravam elementos oníricos e imagens simbólicas. Nas décadas seguintes, experimentou diferentes estilos e técnicas, criando um repertório que inclui pinturas abstratas geométricas, bem como composições figurativas que retratam a cultura popular e temas do Nordeste brasileiro.

Uma das características mais marcantes de seu trabalho foi o uso expressivo da cor. Cícero Dias dominava a paleta de cores, criando pinturas vibrantes e visualmente cativantes que transmitiam uma sensação de vitalidade e alegria.

Cícero Dias é considerado uma figura-chave no contexto do modernismo brasileiro, contribuindo para a expansão das fronteiras da arte no Brasil e no exterior. Sua busca incessante por novas formas de expressão e sua versatilidade artística o tornaram um dos artistas mais significativos e influentes de sua geração, deixando um legado duradouro no cenário artístico tanto do Brasil quanto internacionalmente.

## **Bruno Giorgi (1905-1993)**

Orfeu

Escultura em bronze

Ass. na peça

25 x 4 cm

Herdeiro das influências do escultor Aristide Maillol, Bruno Giorgi revela, a partir dos anos 1940, um crescente interesse pela temática e pelos tipos brasileiros em suas esculturas. Sua obra, inicialmente marcada por uma leve estilização da figura humana, evolui para uma maior deformação, evidenciada na aspereza das superfícies e na expressiva modelagem.

A partir dessas experiências, Giorgi introduz uma nova plasticidade em suas esculturas: os troncos e membros das figuras se alongam e se deformam em um contínuo desenvolvimento no espaço, criando uma dinâmica abstrata que resulta em um jogo intrigante de cheios e vazios. A escultura não se limita apenas à representação tridimensional da figura, mas também incorpora uma sensação de leveza e movimento.

A maestria técnica de Giorgi na manipulação de materiais, neste caso, o bronze, confere à escultura uma sensação de robustez e durabilidade. "Orfeu" é uma obra que convida à contemplação, revelando a riqueza da contribuição de Bruno Giorgi para a escultura brasileira e consolidando sua posição como um mestre na representação tanto figurativa quanto abstrata.









**DACOSTA, Milton (1915-1988)**

Vênus e pássaro, 1969

Óleo s/ tela

Ass. inf. direito e verso

27 x 41 cm

Obra apresenta cachê da Galeria Contorno.

Milton Dacosta (1915-1988) foi um destacado artista brasileiro com atuação em pintura, desenho e gravura. Iniciou seus estudos artísticos em 1929 e co-fundou o Núcleo Bernardelli em 1931. Após viagens aos Estados Unidos e Europa, onde estudou com grandes artistas como Picasso e Braque, retornou ao Brasil em 1947. Sua carreira passou por uma fase construtivista nos anos 1950, mas evoluiu para um estilo mais figurativo nos anos 1960, destacando-se por sua série de gravuras coloridas em metal com o tema Vênus.

Após um período dedicado ao abstracionismo abstrato, Dacosta retornou ao figurativismo na década de 1960, quando desenvolveu a famosa série de Vênus. Como aponta o crítico Paulo Venâncio Filho, é por essas produções que o artista conhece sua notoriedade pública.



**PANCETTI, José (1902-1958)**

Figura feminina, 1940

Óleo s/ cartão

Ass. inf. direito

31 x 57 cm

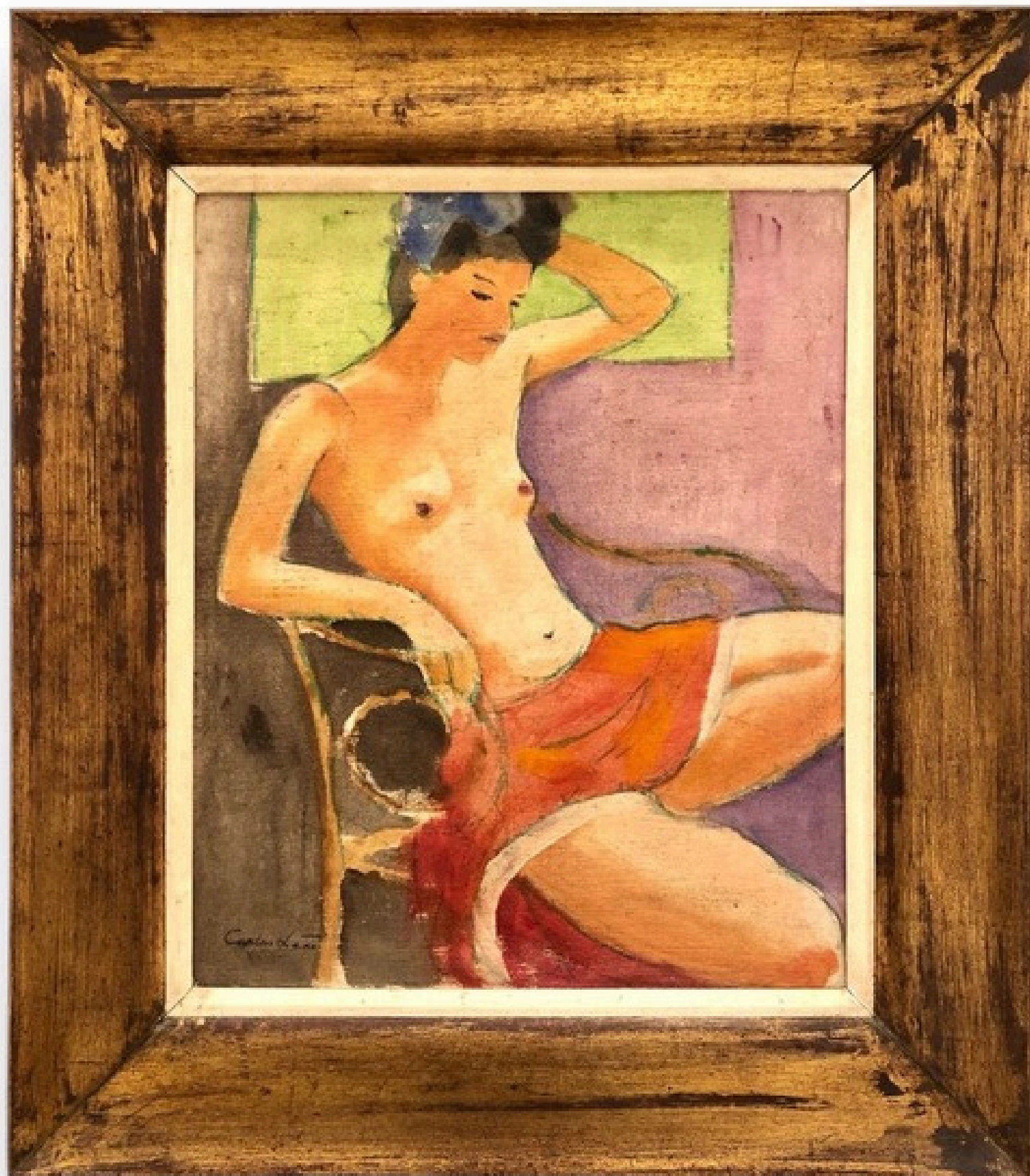
Estudo para obra Retrato de Menina

José Pancetti, nascido em Campinas em uma família de imigrantes italianos, exerceu grande variedade de ocupações antes de ingressar na Marinha de Guerra em 1922, onde permaneceu até 1946. As constantes viagens durante seu tempo na marinha limitaram seu acesso à formação artística regular. Em 1933, tornou-se membro do Núcleo Bernardelli, um grupo que buscava reformular o ensino artístico na Escola Nacional de Belas Artes.

A produção artística de Pancetti, marcada por marinhas e retratos, é caracterizada por composições simplificadas e expressões de desalento, como evidenciado nesta obra. Seus retratos geralmente possuem uma expressão sombria, tratamento geométrico cuidadoso da cabeça e do busto (influenciado pelo cubismo) e jogos de claro-escuro, elementos recorrentes. Além disso, o artista dedicou-se aos autorretratos, nos quais revelava sua admiração por Vincent van Gogh e Paul Gauguin. Nestas representações, Pancetti muitas vezes se apresentava como trabalhador manual, reafirmando suas origens humildes.







### **CARLOS LEÃO (1906-1983)**

Nu feminino

Óleo s/ tela

Ass. inf. esquerdo

Obra apresenta cache do Museu de Arte Moderna de São Paulo -  
Exposição "Desenhos e aquarelas de Carlos Leão 1984".

46 x 38 cm

Carlos Leão é um artista cuja produção artística é marcada pela representação recorrente do nu feminino. Sua abordagem singular revela uma combinação de delicadeza e sensibilidade, evidenciando um profundo entendimento da beleza. Ao criar suas composições, Carlos Leão emprega cores vibrantes e pinceladas suaves, estabelecendo uma atmosfera de intimidade e contemplação.

Desenhista, arquiteto, gravador e ilustrador, Leão concluiu sua formação em arquitetura na Escola Nacional de Belas Artes (Enba) em 1931. Em 1937, foi parte integrante do projeto do edifício do Ministério da Educação e Cultura (MEC), posteriormente conhecido como Palácio da Cultura, sob a supervisão de Lucio Costa (1902-1998). Ao longo de sua carreira, Leão ilustrou obras notáveis, como os livros "Poemas, Sonetos e Baladas" (1946) de Vinicius de Moraes (1913-1980), "Boca de Luar" (1980\*) e "Amor, Amores" de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), além do álbum "Homenagem a Manuel Bandeira - Cinquentenário do Poeta" e outros projetos.



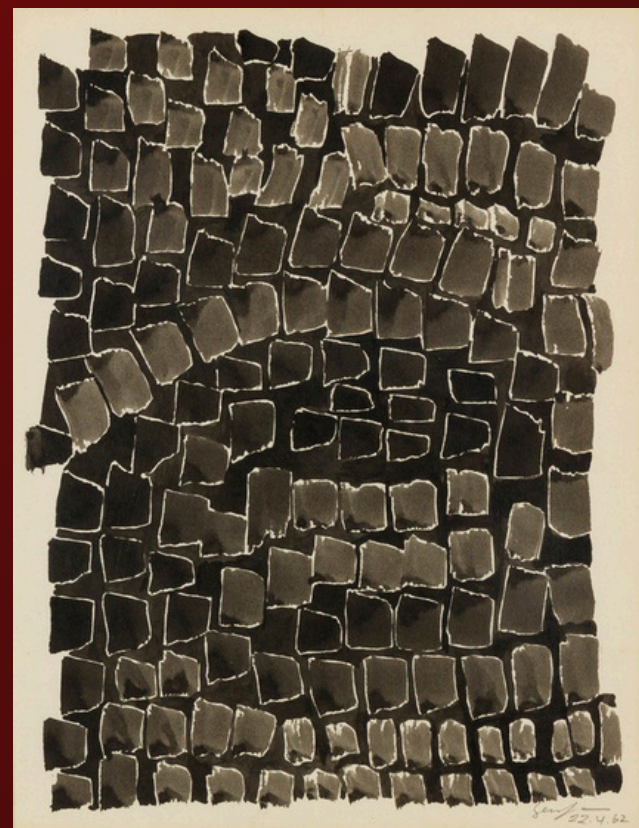


**Ivan Serpa (1923-1973)**

Sem título, 1962  
Nanquim s/ papel  
Ass. inf. direito

Obra participou da exposição do  
artista no Paço Imperial no Rio de  
Janeiro em 2004

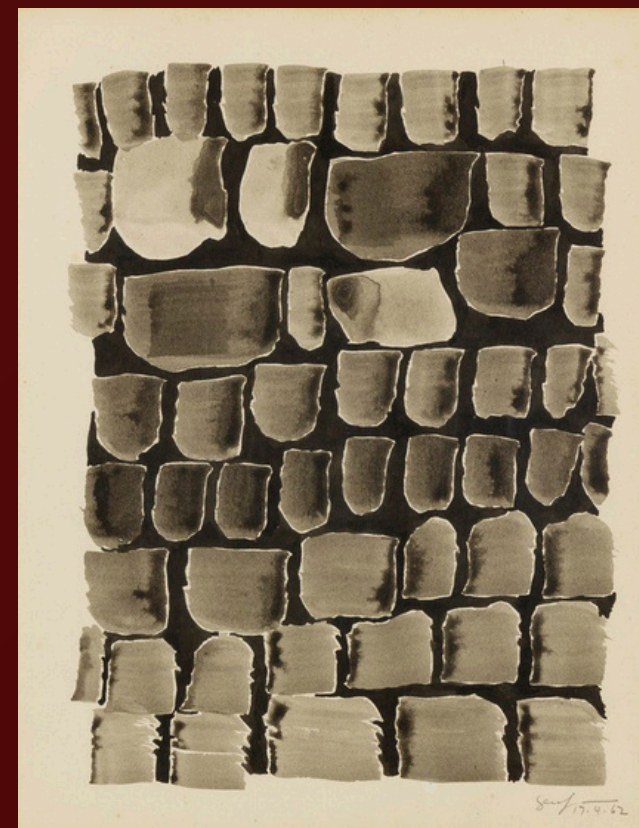
27 x 21 cm



**Ivan Serpa (1923-1973)**

Sem título, 1962  
Nanquim s/ papel  
Ass. inf. direito

27 x 21 cm



**Ivan Serpa (1923-1973)**

Sem título, 1962  
Nanquim s/ papel  
Ass. inf. direito

27 x 21 cm



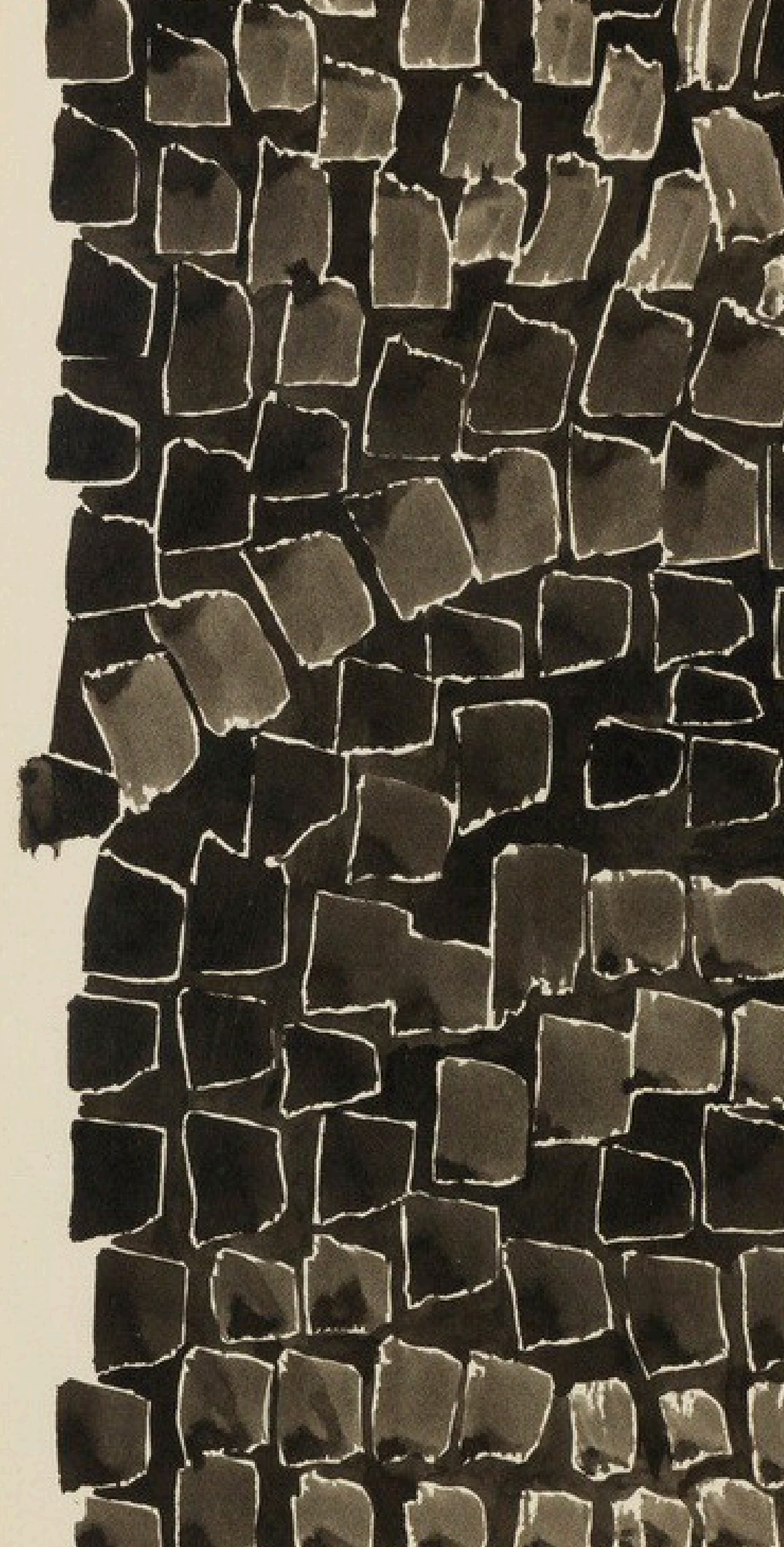
**Ivan Serpa (1923-1973)**

Sem título, 1962  
Nanquim s/ papel  
Ass. inf. direito

Obra participou da exposição do  
artista no Paço Imperial no Rio de  
Janeiro em 2004

27 x 21 cm

O carioca Ivan Serpa destacou-se por sua vasta produção artística, atuando também como professor e fundador do Grupo Frente, um importante marco no movimento construtivo no Brasil. Atuando no MAM Rio, a partir de 1952 Serpa dedicou-se às atividades docentes, desempenhando um papel significativo na formação de diversas gerações de artistas brasileiros. Reconhecido por suas realizações, recebeu o Prêmio Jovem Pintor Nacional na I Bienal de São Paulo em 1951 e representou o Brasil na Bienal de Veneza no ano seguinte. Ao longo das décadas de 1950 e 1960, participou de diversas bienais no Brasil e no exterior, além de receber prêmios, como o de viagem ao exterior no Salão Nacional de Arte Moderna em 1957.

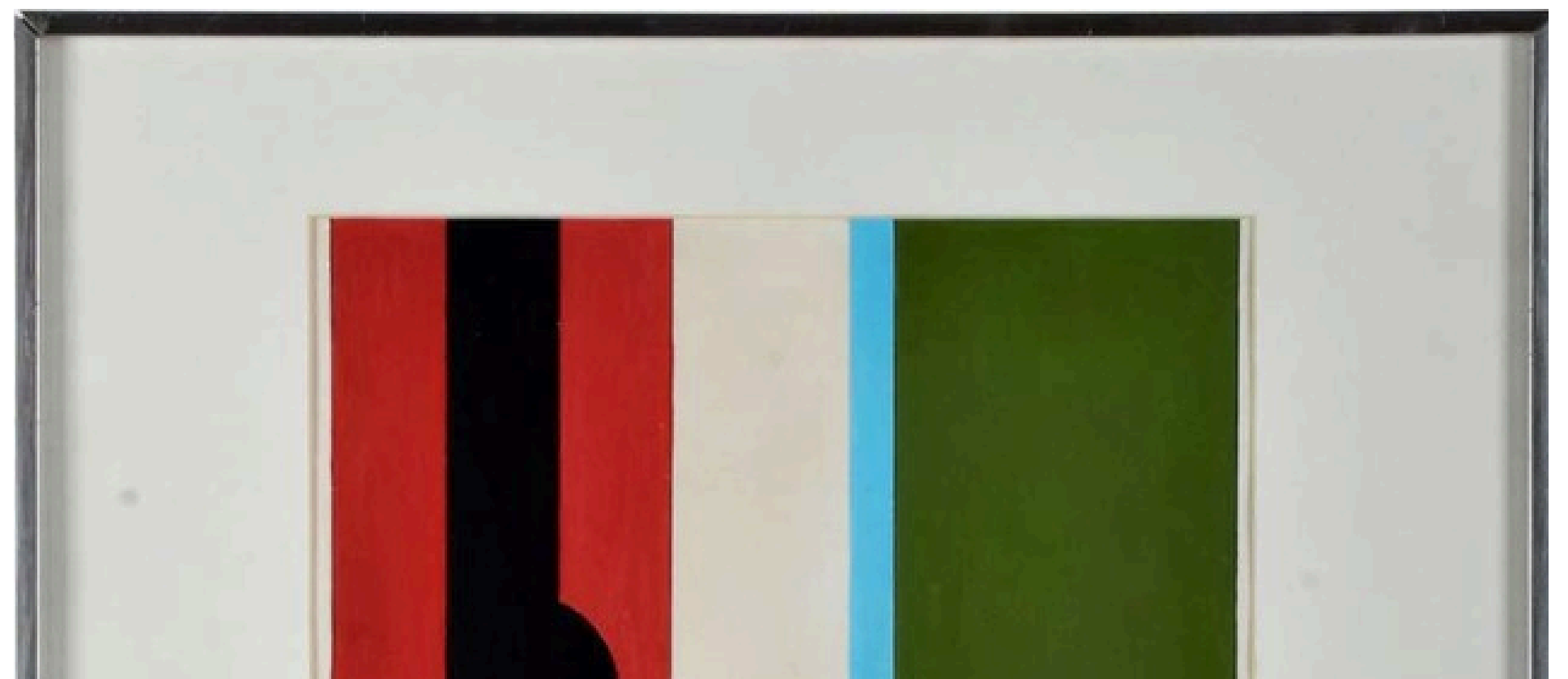






A partir da década de 1960, a produção artística de Serpa passou por transformações, apresentando um traço mais gestual e nuances expressionistas, notadamente reconhecido como a "fase negra" ou, conforme a preferência do artista, "Crepuscular". Nessa etapa, Serpa se aproximou do expressionismo, incorporando uma figuração gestual nos moldes do Grupo CoBrA, aproximando-se da Nova Objetividade Brasileira. Em 1965, houve um retorno à fase geométrica. A presença contínua em exposições, tanto individuais quanto coletivas, evidencia seu impacto duradouro, incluindo mostras no MAM Rio e participações em eventos marcantes como Opinião 65 e 66, que assinalaram uma nova fase na arte figurativa, além do 10º Resumo de Arte, conhecido como Resumo JB, em 1972.

Essa rica variedade estilística, que vai da abstração à figuração e ao construtivismo, destaca a busca constante de Serpa por ambientes artísticos coletivos, sua inclinação pela pesquisa estética e seu respeito pela liberdade na criação, consolidando sua posição como uma figura seminal na arte brasileira do século XX.





**Ivan Serpa (1923-1973)**

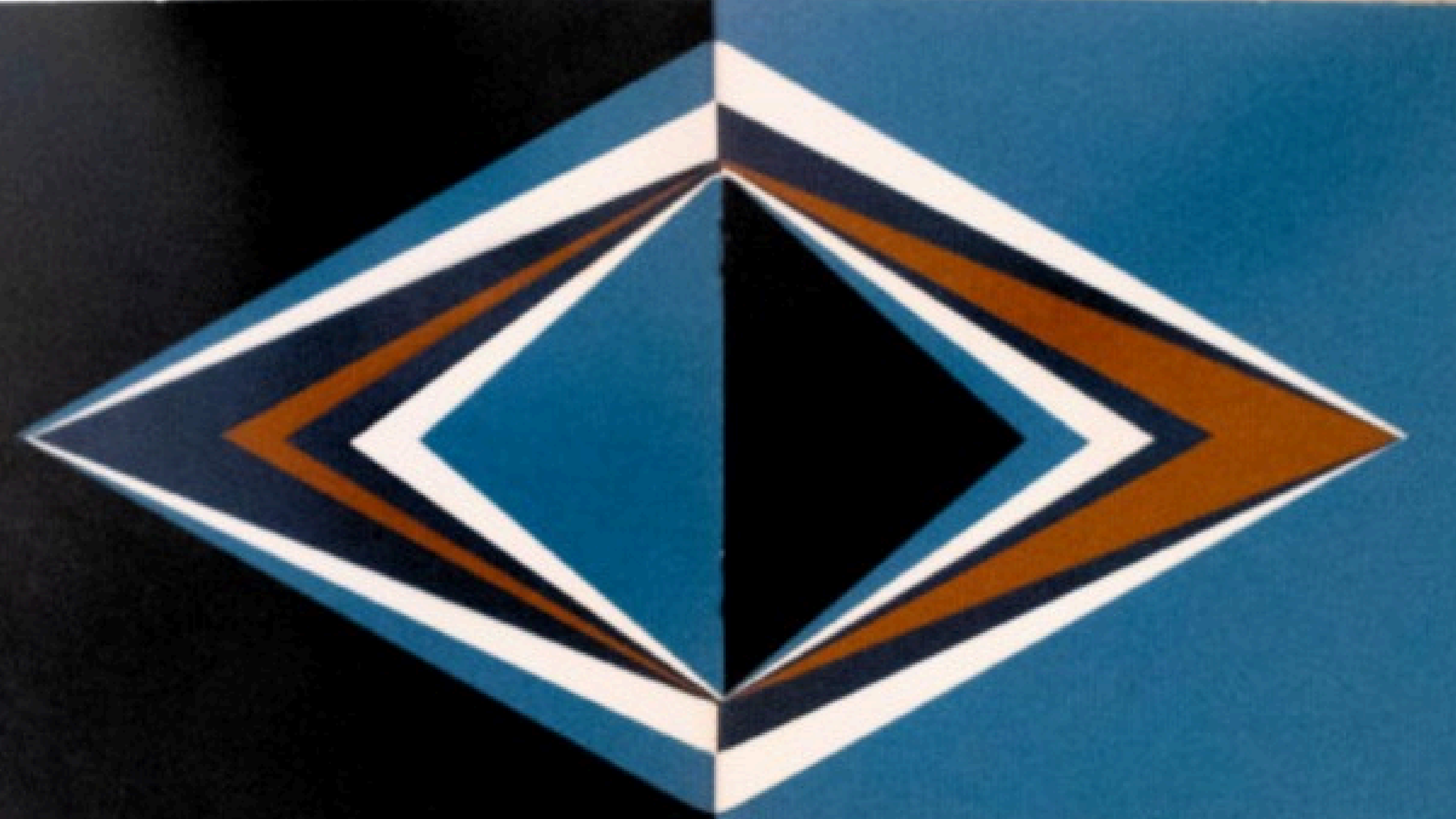
Sem título, 1956

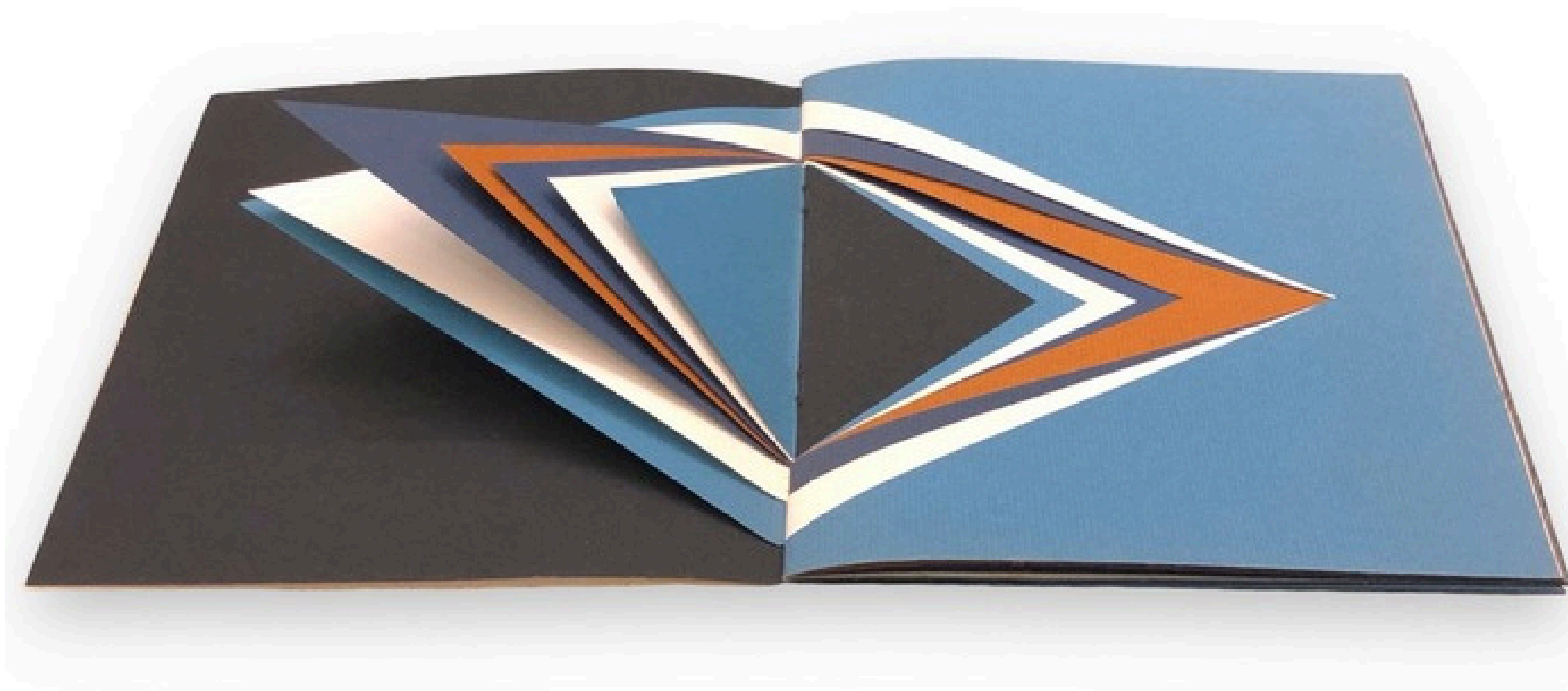
Óleo s/ cartão

Ass. inf. direito

40 x 25 cm

Apresenta certificado de  
autenticidade emitido pelo filho do  
artista.





**Raimundo Colares (1944-1986)**

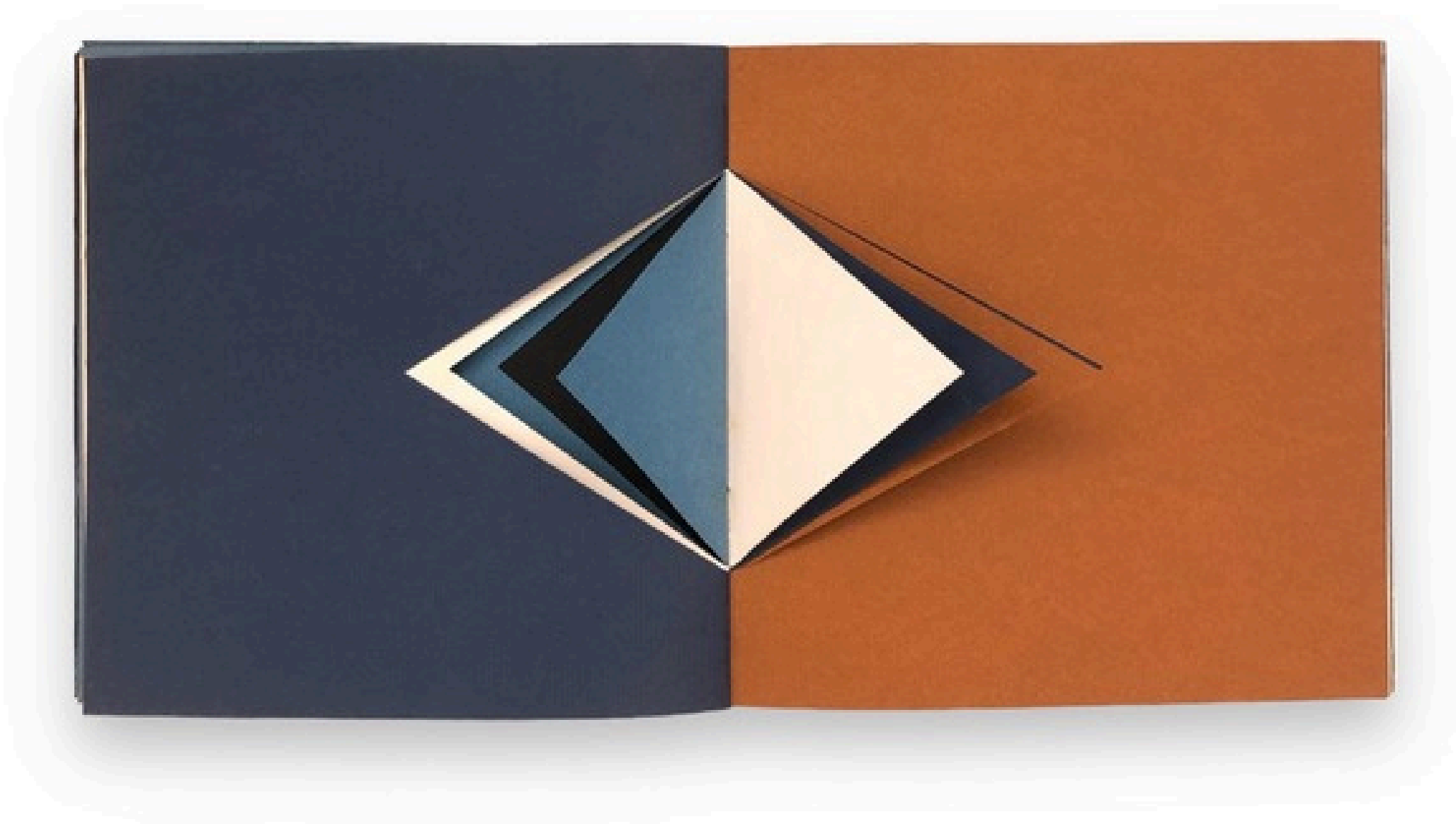
Gibi, 1970

Papéis coloridos recortados e montados em álbum, ass. dat. 1970 sit.

Rio na primeira página.

Adquirido diretamente de Raymundo Colares por Evandro.

16 x 32 cm aberto.



Raimundo Colares é um artista que combina diversas tendências artísticas em suas obras, incluindo o construtivismo e a arte pop. A partir de 1968, ele se dedica à produção dos chamados "gibis", que são livros-objeto desprovidos de texto, projetados para serem manipulados pelo espectador. Nestas criações, Colares explora as dobras e as cores do papel para criar sequências de formas e cores que se alternam à medida que as páginas são manuseadas.

Para o crítico Frederico Morais, essas obras assemelham-se ao "Livro da Criação" de Lygia Pape, uma vez que são obras em constante evolução, onde as imagens se constituem ou desconstruem à medida que o espectador interage com elas. Os cortes nas páginas proporcionam surpresas sucessivas, resultando em um caráter lúdico.



**Amílcar de Castro (1920-2002)**

Sem título, 2000

Acrílica s/ tela

Ass. verso - Obra registrada no Projeto com nº 072

80 x 80 cm

Amílcar Castro marcou sua presença no cenário artístico do século XX com contribuições significativas para a escultura e geometria. Originário de Paraisópolis, Minas Gerais, Amílcar transitou do desenho para a tridimensionalidade, expondo suas inovações na 2ª Bienal Internacional de São Paulo em 1953 e tornando-se uma referência no movimento concretista. Tanto sobre tela como tridimensionais, as obras são caracterizadas pela abstração que dialoga intensamente com o espaço circundante, proporcionando uma visão distinta e orgânica.

Ao contrário dos concretistas contemporâneos, Amílcar manteve uma relação mais humana e flexível com a geometria. Sua produção artística posterior, a partir dos anos 1990, revela uma abordagem mais livre e expressiva, afastando-se da ortodoxia construtiva. Ao aposentar-se da docência em 1990, dedicou-se integralmente à sua arte, explorando novas possibilidades e, na última fase de sua carreira, aproximando-se de uma representação mais abstrata em tela, estendendo-se horizontalmente no solo e estabelecendo um diálogo poético com a paisagem.



## **AMILCAR DE CASTRO (1920 -2002)**

Sem título, Dec. 1980

Aço cortem

50 x 24 x 8 cm

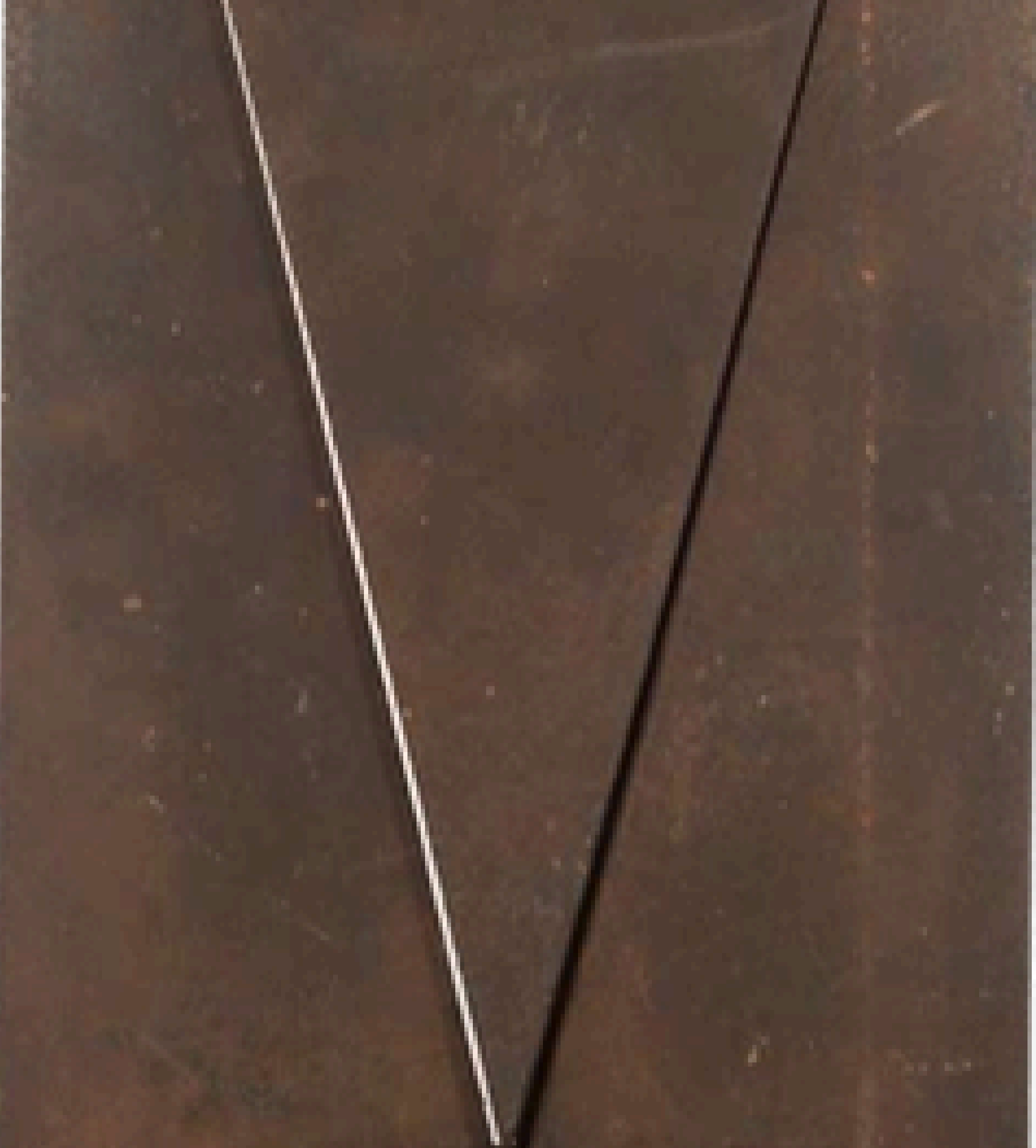
Amilcar de Castro é considerado pelos críticos e historiadores da arte um dos escultores construtivos mais representativos da arte brasileira contemporânea.

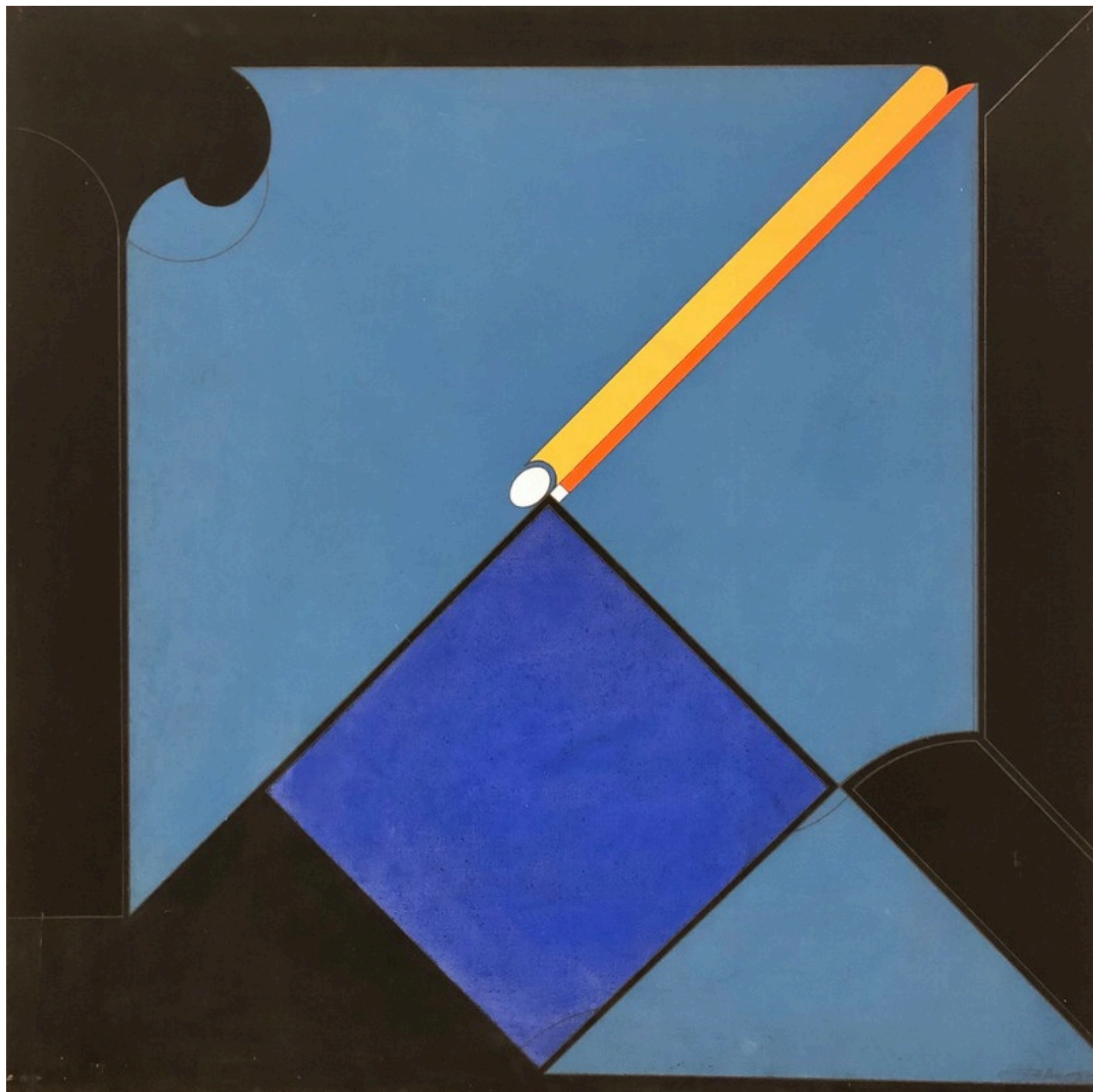
Passando do desenho à tridimensionalidade, encontrou sua maior expressão artística na escultura construtiva, influenciado pelo suíço Max Bill (principal divulgador da arte concreta na América Latina). Sua primeira obra na mídia foi exposta na Bienal Internacional de São Paulo (1953).

Os materiais preferidos - metais, sobretudo o ferro - dão uma nova dimensão ao trabalho do antes discípulo de Guignard (desenho e pintura) e Franz Weissmann (escultura figurativa). A nova linguagem permitia a Castro explorar os espaços vazios como nunca antes. A escultura construtiva vinha como decorrência do futurismo e do cubismo, rompendo com a arte do passado preocupada com a representação do real. O espaço, então, é trabalhado como elemento plástico.

Castro foi signatário do Manifesto Neoconcreto, em 1959, junto com outros artistas como Ferreira Gullar e Lygia Clark.







**Abelardo Zaluar (1924-1979)**

Sem título, 1975

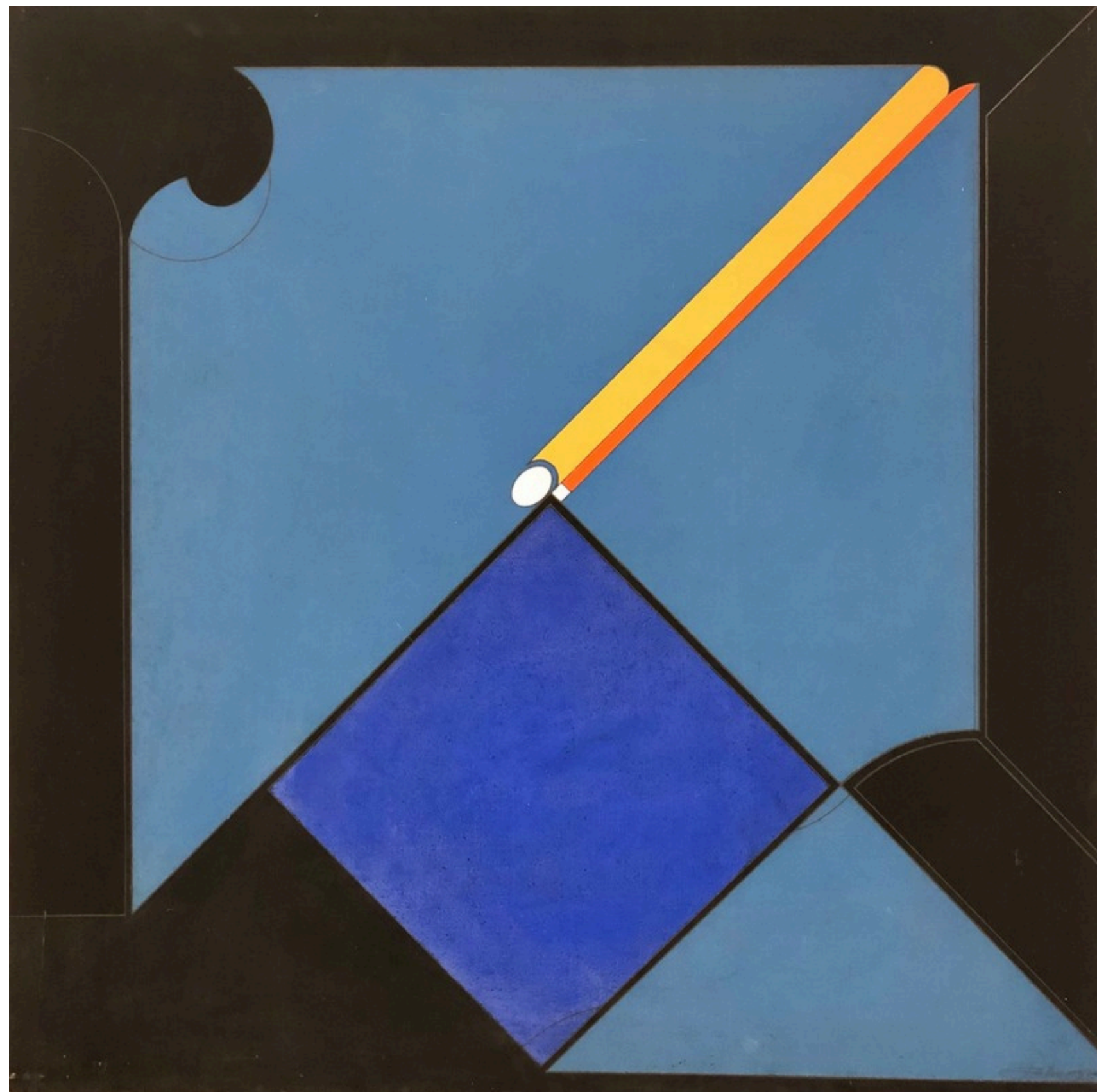
Acrílica s/ eucatex.

Ass. inf. direito

100 x 100 cm

Nas décadas de 1940 e 1950, Zaluar inicialmente trabalha com aquarelas e desenhos figurativos, evoluindo para uma expressão abstrato-geométrica. Seu interesse nas relações formais, áreas de cor e equilíbrio é evidente nas obras dos anos 1960, onde intervém diretamente no plano da tela, criando encaixes e desencaixes de seções. Posteriormente, adota a técnica de colagens.

Na obra apresentada, Zaluar explora áreas de cor que se sobrepõem, separadas por linhas tênues, buscando uma harmonia equilibrada. Frederico Morais destaca a semelhança com o pintor inglês Ben Nicholson, especialmente na organização das sobreposições de áreas de cor. Zaluar também incorpora o volume das figuras, utilizando linhas curvas e a justaposição de cores para criar uma sensação tridimensional, com referências a dobraduras de papel e a produção de efeitos de sombreamento.







**Manabu Mabe ( 1924-1997 )**

Abstrato, 1994

Óleo s/ tela

Ass. inf. esquerdo

Obra apresenta certificado do instituto do artista.

50 x 50 cm.

Um dos maiores nomes da abstração informal no Brasil, as obras de Mabe destacam-se pela gestualidade, expressividade cromática e apuro nas formas. Nascido no Japão em 1924, migrou para o Brasil em 1934, onde iniciou sua trajetória como autodidata.

Sua transição para a abstração culminou em 1955 com a pintura "Vibração-Momentânea", marco inicial de uma fase abstrata que o aproximou de figuras como Picasso e Cândido Portinari. A participação na Bienal Internacional de São Paulo em 1959 foi um ponto de consagração para Mabe, que recebeu o Prêmio Leirner de Arte Contemporânea e o título de Melhor Pintor Nacional por obras que destacavam-se pelas grandes manchas cromáticas e gestos largos permeados por referências à caligrafia japonesa.

Em "Abstrato" vemos como o artista explorou o uso das cores e texturas, demonstrando uma maestria única ao conjugar o espontâneo e o controlado em seus traços.





**Manabu Mabe (1924-1997)**

Paisagem do Rio, 1981

Óleo s/ tela

Ass. inf. esquerdo

Obra apresenta certificado do  
instituto do artista.

24 x 33 cm.





"Paisagem do Rio" não apenas celebra a riqueza estética e cultural do Brasil, mas também testemunha a habilidade excepcional do artista em traduzir suas experiências e observações em uma expressão artística única e impactante.

O destaque da silhueta do Pão de Açúcar, ícone inconfundível da paisagem do Rio de Janeiro, revela a habilidade de Mabe em fundir elementos abstratos com referências reconhecíveis. O equilíbrio entre espontaneidade e contenção, característico de suas obras abstratas, é evidente nas grandes manchas cromáticas que compõem a "Paisagem do Rio". Essas pinceladas rápidas e largas capturam a essência da paisagem carioca, conferindo à obra uma vitalidade única.



**Glauco Rodrigues (1929-2004)**

Roma 35, 1963

Óleo s/ tela

Ass. verso

92 x 60 cm.

"Roma 35" é uma expressão da passagem de Glauco Rodrigues pela abstração, um momento importante em sua trajetória artística durante a década de 1960. Este óleo sobre tela, imerso em tons amarelos que sugerem uma paleta solar, irradiando calor e luz, revela uma faceta menos conhecida de Glauco, cuja produção figurativa já é considerada das mais relevantes expressões da arte pop brasileira.

Nascido em Bagé, Rio Grande do Sul, em 1929, Glauco desenvolveu uma prática artística autodidata desde 1945. No final da década de 1950 sua produção se aproximou da abstração. Entre 1962 e 1965, Glauco viveu em Roma onde a obra foi produzida, como ressaltado pelo título. A obra é uma celebração da liberdade criativa, onde o artista rompe com as amarras da representação figurativa para se aventurar na expressão livre.







**José Adário (1947)**

Ferramentas de Oxóssi

Escultura de arco em ferro patinado

64 x 64 cm

Apresenta Certificado emitido pelo artista

José Adário dos Santos, popularmente conhecido como Zé Diabo, foi um ferreiro dedicado ao ofício da produção de ferramentas de orixás por mais de seis décadas. Seu trabalho é uma expressão única que transcende o aspecto estético, incorporando elementos históricos e, sobretudo, conhecimentos ancestrais do candomblé. A técnica utilizada por Zé Diabo ressalta a importância de seu labor ao longo dos anos, destacando-o como um artista de renome nacional e internacional.



**Djanira (1914 - 1979)**

Curral, 1962

Acrílica s/ tela

Ass. inf. direito

89 x 130 cm

Djanira, notável artista do modernismo brasileiro, destacou-se por sua rica produção de paisagens e cenas do cotidiano, refletindo sua profunda conexão com a natureza e o ambiente rural. Ao longo de sua carreira, explorou de maneira poética e autêntica a diversidade das paisagens brasileiras, transmitindo vitalidade e energia com sua paleta de cores vibrantes e pinceladas enérgicas.

Nos anos 1950, ao retornar dos Estados Unidos, embarcou em uma jornada pelo Brasil, buscando inspiração em diversas regiões do país. Pintando cenas que variam de colhedores de café a operários da indústria automobilística, Djanira capturou a singularidade do cotidiano dos trabalhadores. Como uma das figuras mais reverenciadas do modernismo brasileiro, seu legado nas artes plásticas nacionais destaca-se pela notável representação tanto da paisagem urbana quanto rural.







### **Chico da Silva (1910-1985)**

Sem título, 1974

Óleo s/tela

Ass. inf. direito

67 x 115 cm.

Chico da Silva, renomado artista brasileiro, vem recebendo cada vez mais destaque no âmbito das artes visuais devido a sua abordagem única e expressiva. Nascido em 1910, em Canindé, Ceará, sua trajetória artística é marcada por uma conexão profunda com as raízes culturais nordestinas, que se reflete em sua técnica e estilo singulares.

A técnica de Chico da Silva incorpora elementos do naif e do expressionismo, resultando em obras que retratam a natureza, os mitos e manifestações culturais típicas do Nordeste brasileiro com vitalidade e autenticidade.

Ao combinar a originalidade do naif com a intensidade emocional do expressionismo, Chico da Silva constrói um universo artístico próprio, onde a autenticidade de sua visão é proeminente.





**Rosina Becker do Valle (1914-2000)**

ADÃO E EVA - EXPULSOS DO PARAÍSO, 1962

Óleo s/ tela

Ass. inf. direito e verso.

53 x 64 cm

Rosina Becker do Valle, renomada pintora brasileira no estilo Naïf, deixou um legado artístico que explora com maestria o folclore, a natureza e a iconografia religiosa. Suas obras, marcadas por uma expressividade singular, encontram-se em coleções de prestígio em museus ao redor do mundo, incluindo o Musée d'Art Naïf de L'Île de France e o Museu de Arte Moderna de Hamburgo. Sua participação em eventos artísticos de destaque, como o Salão Nacional de Belas Artes e a Bienal de São Paulo, destaca o reconhecimento e a relevância de sua contribuição para a cena artística, tanto nacional quanto internacional.







**Grauben (1889-1972)**

Pavão, 1965

Óleo sobre tela

Ass. inf. direito

61 x 45 cm

O pontilhismo é uma técnica artística que se desenvolveu principalmente no final do século XIX, sendo associada ao movimento pós-impressionista. George Seurat e Paul Signac são considerados os principais expoentes dessa abordagem. A técnica envolve a aplicação de pequenos pontos de cores puras diretamente na tela, os quais, quando vistos à distância, se fundem para criar uma imagem completa.

Nesta representação do pavão, Maria Grauben utiliza a técnica de forma notável, uma característica marcante em sua obra. As pinceladas são minuciosas e ricas em cores, formando uma composição vibrante. As cores intensas sobre a tela capturam a majestade e exuberância da ave e da natureza.









**Grauben (1889-1972)**

Sem título, 1970

Óleo sobre tela

Ass. inf. direito

73 x 60 cm

Maria Grauben Bomilcar Monte Lima, no início do século XX, mudou-se para São Paulo e, em 1908, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Aos 21 anos, em 1910, tornou-se uma das primeiras funcionárias públicas do Brasil. Sua trajetória artística começou em 1960, aos 71 anos, após a aposentadoria, revelando uma vocação tardia que a levou a conquistar destaque por sua obra solta, colorida e criativa.

Ao iniciar sua jornada na pintura, teve a oportunidade de receber orientações do pintor e educador Ivan Serpa, que, apesar de oferecer conselhos, evitou influenciar sua visão única do mundo. Maria Grauben produziu centenas de quadros, caracterizados por suas pequenas pinceladas, que retratavam paisagens, flores, aves e borboletas. Sua arte conquistou admiradores tanto no Brasil quanto no exterior.



**José Antônio da Silva (1909 - 1996)**

Sem título, 1987

Óleo s/ tela

Ass. canto inf. esquerdo

38 x 55 cm

Autodidata, José Antônio da Silva foi descoberto como artista em 1946, durante uma exposição em São José do Rio Preto. Seus primeiros trabalhos apresentavam cores frias e escuras, evoluindo para paisagens líricas mais vibrantes a partir de 1948. Participou das primeiras Bienais de São Paulo, destacando-se pela influência de Vincent van Gogh e pela adoção do pontilhismo a partir de 1955. Suas pinturas, especialmente as que retratam a vida no campo, tornaram-se sua marca registrada, revelando espontaneidade na abstração de detalhes. José Antônio da Silva abordou uma variedade de temas em sua obra, mantendo uma distinção entre figura e plano de fundo nas criações da década de 1970.





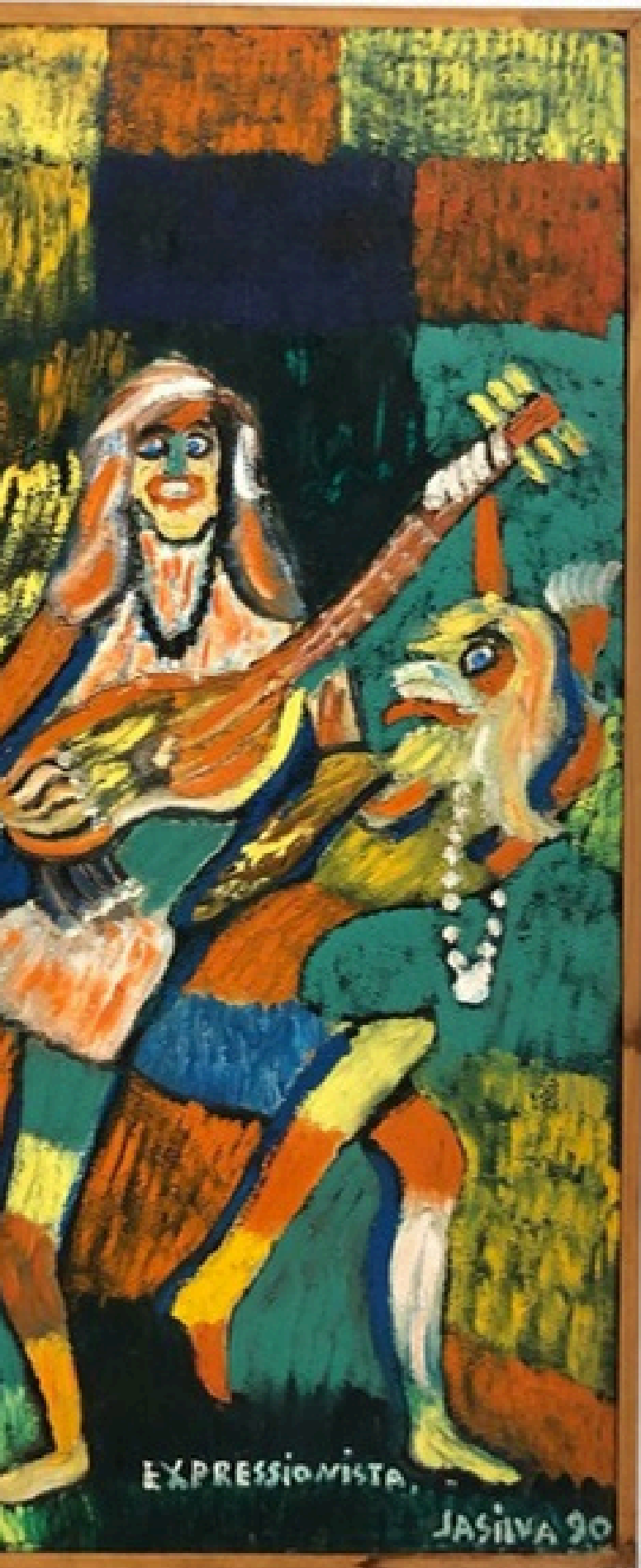
**JOSÉ ANTONIO DA SILVA (1909-1996)**

Expressionista, 1990

Óleo s/ tela

Ass. canto inf. direito

70 x 40 cm



José Antônio da Silva, autodidata por excelência, trilhou inicialmente caminhos diversos, desempenhando atividades que iam desde o trabalho rural até se destacar como artista. Sua ascensão artística ocorreu em 1946, quando suas obras foram expostas na Casa de Cultura em São José do Rio Preto, capturando a atenção de críticos de arte presentes no evento.

Inicialmente, suas pinturas exibiam uma paleta de cores frias e sombrias. A virada artística ocorreu em 1948, quando passou a criar paisagens de caráter lírico, utilizando uma gama cromática mais vibrante. Participando das três primeiras edições da Bienal Internacional de São Paulo, José Antônio da Silva revelou em sua obra a influência marcante da pincelada vibrante de Vincent van Gogh. Em meados da década de 1950, sua abordagem artística evoluiu para o pontilhismo, técnica na qual pontos ou traços de cor destacam elementos da composição.

A trajetória de José Antônio da Silva abrange uma diversidade de temas, desde naturezas-mortas até pinturas sacras, marinhas, históricas e de gênero. Em comum, destacam-se a originalidade expressiva, a sensibilidade cromática e o toque fantasioso.





**Pietrina Checcacci (1941)**

Sabor morango - série Fake, 2016

Vinil s/ tela

Ass. inf. direito e verso

100 x 100 cm

Pietrina Checcacci explora a representação da figura feminina em sua produção artística com sensibilidade e expressividade únicas, utilizando de forma frequente cores suaves e tons pastéis para criar uma atmosfera etérea e poética. Geralmente, sua produção retrata mulheres de maneira introspectiva, capturando suas emoções, estados de espírito e experiências internas.

A maternidade, a relação entre as mulheres e a natureza, e as interações entre as mulheres e a sociedade são temas recorrentes em sua poética, retratados a partir de uma abordagem que valoriza a individualidade e a diversidade das experiências femininas.



**Roberto Vieira (1939)**

Paisagem, 1974

Óleo s/ eucatex

Ass.inf. direito

Selo no verso da Bienal de São Paulo

90 x 90 cm

Nos anos 60, enquanto estudante de arquitetura e músico na Escola Guignard, Roberto Vieira desenvolveu suas primeiras obras: peças minimalistas formuladas com radicalidade que desafiavam as práticas artísticas convencionais em Minas Gerais.

Ao retornar à experimentação radical nos anos 70, Vieira abordou a paisagem mineira com cores deslumbrantes, eventualmente conduzindo a uma abordagem crítica da realidade. Transformando montanhas em corpos, passou a construir "sacrários" - caixas onde terra, matéria orgânica e seres vivos eram elementos das obras experimentais.

Em 1981, realizou uma exposição individual no Palácio das Artes, na qual apresentou um impressionante conjunto de obras, dentre as quais destacou-se a utilização de elementos físicos em uma abordagem experimental. Utilizando galhos de árvores para criar desenhos, terra-cor em objetos, e recriando sistemas construtivos tradicionais, Vieira explorou uma variedade de técnicas e processos.





**Yara Tupinambá (1932)**

Spatifilus no fim da tarde, 2020

Acrílico sobre tela

Ass. inf. direito

80 x 100 cm

"Spatifilus no Fim da Tarde" é uma obra emblemática da renomada artista brasileira Yara Tupynambá, cuja trajetória artística e contribuições à cultura vem ganhando destaque na atualidade. A diversidade de suas atuações é evidenciada na obra, refletindo a versatilidade que caracteriza sua carreira multifacetada como pintora, gravadora, desenhista, muralista e professora.

Influenciada por mestres renomados como Alberto da Veiga Guignard e Oswaldo Goeldi, Yara Tupynambá revela em "Spatifilus no Fim da Tarde" uma paleta de cores vivas utilizada na representação exuberante de plantas e flores, revelando a maestria da artista em capturar a essência da natureza







### **Roberto Magalhães (1940)**

Vaso de flores, 1996

Óleo s/ tela

Ass. inf. direito

69 x 69 cm.

"Vaso de flores" é um fascinante mergulho no universo artístico singular de Roberto Magalhães, onde a experimentação técnica e a inovação temática se destacam. Nascido no Rio de Janeiro em 1940, ele construiu um percurso artístico distinto, afastando-se de rótulos e movimentos específicos, embora sua obra seja por vezes associada a "experimentos surrealistas" próximos aos de Salvador Dalí, conforme observado por críticos.

A temática de sua obra revela uma fusão única de elementos humanos, figuras míticas e alegóricas em composições permeadas por um humor por vezes ácido. Em "Vaso de flores", Magalhães supera a representação convencional, incorporando elementos próprios da sua poética.





### **Siron Franco (1947)**

Bíblico, 1990

Óleo s/ tela

Ass. inf. direito

110 x 90 cm

Acompanha documento de autenticidade assinado pelo artista.

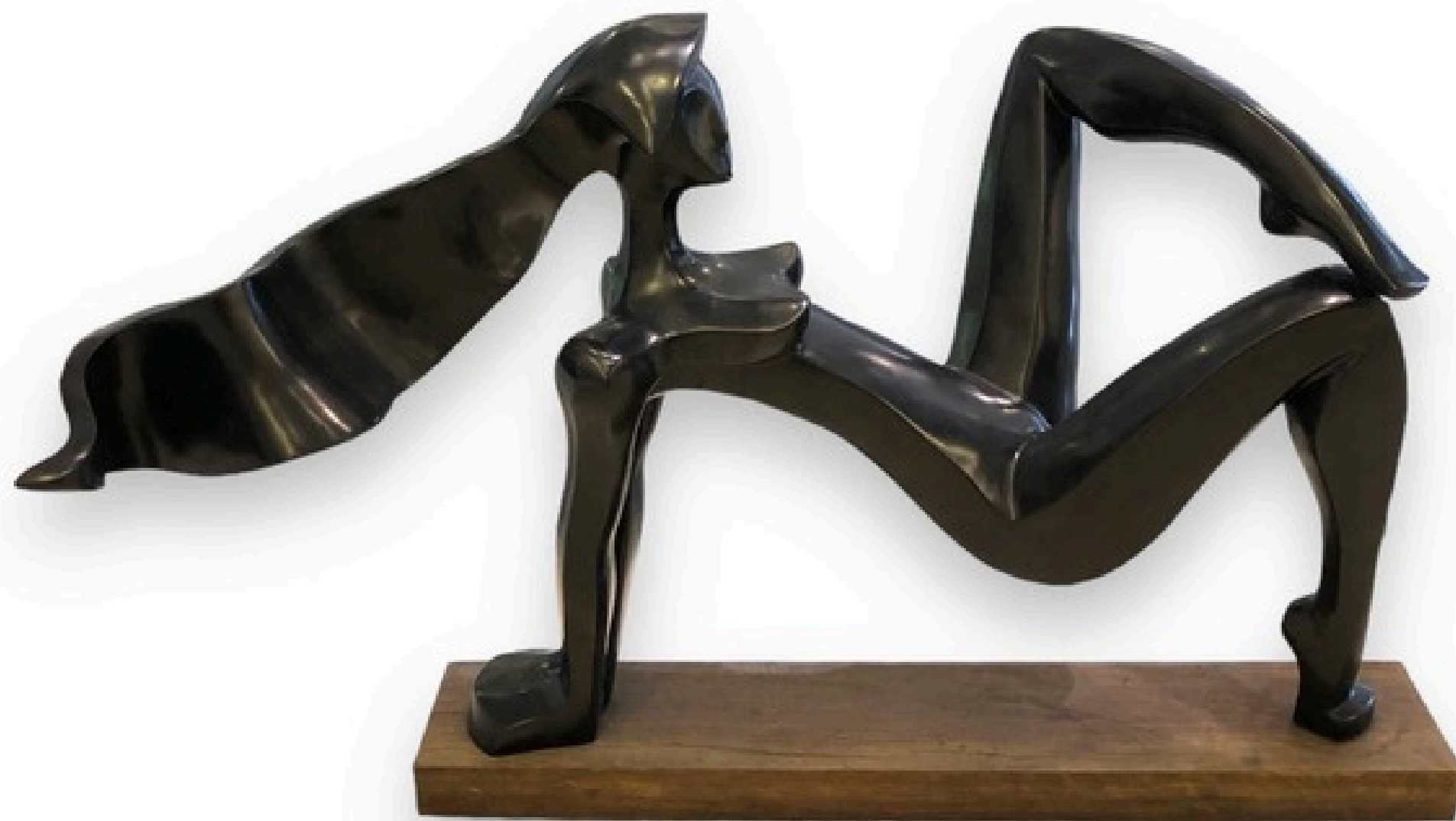
Com uma carreira abrangente como pintor, escultor, ilustrador, desenhista, gravador e diretor de arte, Siron Franco destaca-se por sua produção predominantemente pictórica, caracterizada por uma fusão de elementos surrealistas e abstrações com identificações alegóricas.

Ao longo de sua trajetória, Siron Franco desenvolveu um diálogo profundo com a cultura popular brasileira e a realidade social, destacando-se pelas composições grotescas e criticamente caricaturais. Sua produção da década de 1970 exibe uma figuração gráfica distintiva, enquanto suas obras como as que compõem a série "Fábulas do Horror" (1974) revelam uma abordagem singular na representação do corpo humano, influenciada por artistas como Francis Bacon e Georg Grosz. Na década de 1980, passa a expressar questões socioambientais e políticas devido ao impacto do acidente radioativo, em Goiânia, em 1987.

Siron Franco não apenas amplia sua expressão artística para esculturas e monumentos, mas também se torna um crítico social engajado, utilizando sua arte como instrumento de denúncia e conscientização. Sua produção, permeada por temas regionais e globais, evidencia a riqueza técnica e material do artista, consolidando-o como uma figura marcante na arte contemporânea brasileira.







### **Diego Rodrigues (1985)**

Nu feminino

Escultura em pó de mármore com resina patinada na cor preta, base em madeira de lei

167 x 100 cm

Nascido em 1985, Diego Rodrigues aplica à escultura técnicas inovadoras como o uso do pó de mármore. O escultor iniciou-se na técnica através do trabalho de fundição, o que o levou a explorar a modelagem. Nesse momento, produziu desde bustos a grandes monumentos. A partir de 2005, quando aprofunda-se na arte moderna, suas esculturas ganham formas mais estilizadas.

A obra "Nu Feminino" destaca-se não apenas pela habilidade técnica refinada, mas também pela escolha de utilizar pó de mármore. Essa abordagem confere às esculturas de Rodrigues uma textura única e detalhes precisos, mantendo um peso reduzido enquanto a rigidez do mármore assegura a durabilidade da peça.



### **Diego Rodrigues (1985)**

Nu feminino

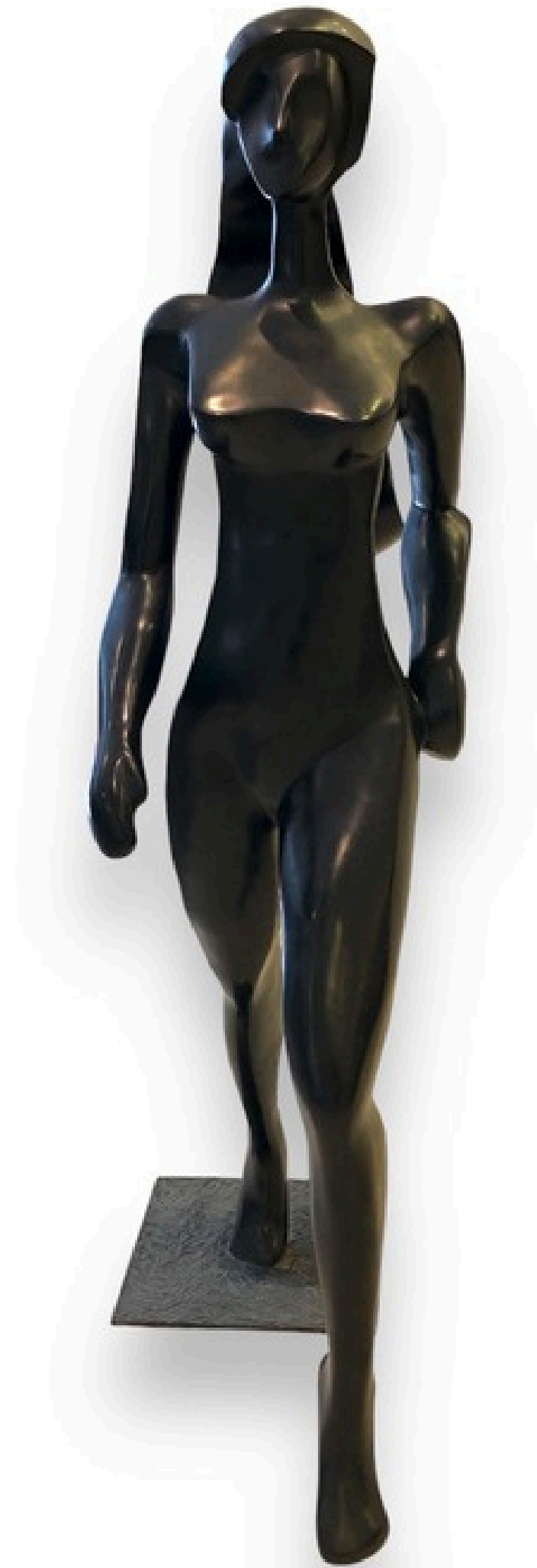
Escultura em pó de mármore com resina patinada na cor preta e base em metal

180 x 45 cm

Nascido em 1985, Diego Rodrigues aplica à escultura técnicas inovadoras como o uso do pó de mármore. O escultor iniciou-se na técnica através do trabalho de fundição, o que o levou a explorar a modelagem. Nesse momento, produziu desde bustos a grandes monumentos. A partir de 2005, quando aprofunda-se na arte moderna, suas esculturas ganham formas mais estilizadas.

A obra "Nu Feminino" destaca-se não apenas pela habilidade técnica refinada, mas também pela escolha de utilizar pó de mármore. Essa abordagem confere às esculturas de Rodrigues uma textura única e detalhes precisos, mantendo um peso reduzido enquanto a rigidez do mármore assegura a durabilidade da peça.







**Felipe Barbosa (1978)**

Cabeça quente, 2000

Estrutura de papel e gesso com estalinhos de pólvora

Acompanha caixa de acrílico

32 x 26 cm

O estilo distintivo de Felipe Barbosa revela-se na sua abordagem única à arte. Utilizando objetos cotidianos, como palitos de fósforo, tampas de garrafas de refrigerante e bilhetes de metrô, o artista transforma esses elementos em composições estruturadas, conferindo-lhes novos significados estéticos. Sua técnica inovadora destaca-se pela apropriação e manipulação de materiais comuns, consolidando seu lugar no cenário artístico contemporâneo.



Além disso, Barbosa contribuiu significativamente para intervenções urbanas em colaboração com o grupo Atrocidades Maravilhosas, participando de premiadas edições do Prêmio Interferências Urbanas no Rio de Janeiro em 2000 e 2001, ao lado da artista Rosana Ricalde. Sua notoriedade internacional é evidenciada pelas exposições realizadas em instituições renomadas, como o Miami Art Museum e o Museo de Arte Contemporáneo de Monterrey (México).



**Túlio Dek (1985)**

Reflexo, 2019 - Série Reflexo

Escultura em manequim revestido de cápsula de munição de calibre 12

Ass. na peça

56 x 50 cm

Participou da exposição "Reflexo", com curadoria de Marco Antonio Teobaldo, realizada na TNT Arte Galeria em dezembro de 2018 e está reproduzida no convite da mesma.

Edição 03 de 08



A escultura "Reflexo" de Tulio Dek é uma obra provocativa e impactante que aborda de maneira contundente a questão da violência nos centros urbanos brasileiros. Apresentada pela primeira vez na exposição individual do artista na TNT Arte Galeria em 2018, a obra utiliza um manequim revestido por cápsulas de munição para transmitir uma mensagem forte e urgente.

Ao escolher esse meio expressivo, Túlio Dek cria uma metáfora visual poderosa, destacando a presença pervasiva e ameaçadora da violência na sociedade contemporânea. O uso das cápsulas de munição simboliza não apenas a realidade física da violência armada, mas também ressalta a vulnerabilidade do corpo humano diante desse fenômeno.



### **Sonia Ebling (1918-2006)**

Escultura em bronze patinado

Assinado na obra

19 x 24 cm

A produção artística de Sonia Ebling, nascida em Taquara, Rio Grande do Sul, em 1918, foi iniciada aos 17 anos, quando, após visitar o ateliê do escultor Humberto Cozzo no Rio de Janeiro, decidiu tornar-se escultora. Num contexto em que os ateliês de escultura eram predominantemente masculinos e fechados, Sonia enfrentou desafios consideráveis para seguir sua vocação.

Sua busca incessante pela expressão escultural a levou a estudar na Escola de Belas Artes do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro entre 1944 e 1951. Durante sua estadia na Europa, de 1956 a 1959, estudou com Zadkine em Paris e recebeu uma bolsa de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian, ampliando suas habilidades e conhecimentos.

A obra, uma escultura em bronze patinado, reflete sua dedicação e perícia na transformação de materiais em obras de arte.



## **Ficha Técnica**

### **Organizador:**

TNT Arte Galeria

### **Curadoria**

Edson Alexandre

Thais Alexandre

### **Textos**

Marina Duarte

Thais Alexandre

### **Equipe Técnica**

Igor Nogueira

Andre de Jesus

Júlio César dos Santos

Thaulleman Amorim

Rosangela Simões

### **Agradecimentos**

Olivio Tavares

Errol Flynn Galeria

Rafael Peixoto

### **TNT Arte Galeria**

Estrada da Gávea, 899 loja 243 – Fashion Mall

Rio de Janeiro – RJ

Tel. 55.21.99398-0022 | 55.21.2495-6142

[contato@tntarte.com.br](mailto:contato@tntarte.com.br)

[www.tntarte.com.br](http://www.tntarte.com.br)

**TNT**  
ARTE